



Foi com imenso prazer que recebemos de alguns amigos os seus testemunhos pessoais relativamente à convivência pessoal e/ou profissional que mantiveram com o Professor Carlos Teixeira.

Palavras que registam a amizade e a admiração por quem pôs uma vida ao serviço da ciência.

A todos os nossos sinceros agradecimentos.



TESTEMUNHOS



Uma vida ao serviço da Geologia

Nasceu numa freguesia encravada na montanha, a poucas léguas do cume da Serra da Cabreira, com a primeira República ainda na idade de aleitação e morreu com o 25 de Abril ainda uma criança de apenas 10 anos de idade. Longe do mundo urbano da civilização. Numa terra agreste onde, no seu tempo, a palavra de Deus chegava ao seu longínquo lugarejo, através do carismático Padre Cândido, de Aboim. Longe de pensar ele, na sua idade de infância e mesmo da adolescência, que seria precisamente a ruralidade dessas pobres terras, ainda não conspurcadas pelo camartelo do progresso, que viriam a ser a sua paixão. Foi pelos montes, sobretudo nas férias, que, de botas de cano alto, por causa das cobras, munido do seu martelo de ponta, partia pedra, não à procura de volfrâmio, mas sim no exercício dessa sublime tarefa de investigação, cujo resultado nem sempre é posto ao servir Deus e o homem.

Era filho de mãe solteira que cedo, muito cedo, embrulhou o seu tesouro numa manta de burel e trouxe-o para o lugar de São Pedro, da freguesia de Rossas, contígua à do seu nascimento. Ali veio agarrar esse ainda cristalino curso de água que, de salto em salto, começava a espraia-se, tomando fôlego da grande caminhada que tivera início no cimo da Serra da Cabreira. Daí o vir a ser conhecido por Doutor do Rio. Do rio Ave, entenda-se. E por ali passou a vida de lazer, em férias, bem longe do rebuliço dessa histórica Lisboa, cidade das caravelas que, ainda no século XV, partiram à descoberta de novos mundos. Lisboa da sua querida Universidade, onde se distingue como Professor Catedrático, ensina sucessivas gerações e ali se fez um investigador acreditado não só no seu país, mas também no estrangeiro.

Extensa a sua obra escrita não só na língua de Camões, mas também na de Voltaire.

Conheci-o pessoalmente e a ele devo um telegrama, na década de cinquenta, a felicitar-me pela nomeação de copista da Secretaria Judicial de Braga. Mas foi graças ao livro de grande interesse e qualidade, injustamente esquecido nas livrarias - *Perfis de Ilustres Varões Bracarenses* - de José Cardoso, distinto e estimado ex-professor do Liceu Sá de Miranda, peixe de águas profundas dos meandros do Latim e Grego e da História da Literatura Portuguesa, que tomei um conhecimento mais profundo do que foi a sua vida inteiramente devotada à ciência da Geologia.

Iniciou o ensino secundário em Chaves, mas foi em Braga que concluiu com brilhantismo o curso liceal, no ano de 1929. E nunca mais vai esquecer a cidade dos Arcebispos que lhe deve a *Carta Geológica de Braga*, *Subsídios para o Estudo da Arqueologia Bracarense* e *Torques do Castro de Lanhoso*.

Ingressou na Faculdade de Ciências e, em 1933, licenciou-se, com alta classificação, na área de

Ciências Histórico-Naturais. Mais tarde segue, como bolseiro, para o Instituto de Geologia da Universidade de Lille. Isto ainda antes do sol poente da década de quarenta.

Foi sócio da Academia de Ciências de Lisboa, da Academia Real de Ciências de Madrid e de outras instituições científicas nacionais e estrangeiras e Membro da Direcção da Enciclopédia Verbo.

Não cabe no âmbito deste texto a vasta actividade científica do Prof. Carlos Teixeira. Remeto para o leitor que, porventura, tenha interesses por estas coisas do saber, para o citado livro do Dr. José Cardoso.

Mas também é com justificado prazer que vou referir *Superstições Populares da Terra de Rossas*, um livro sobre usos e costumes que mereceram também a atenção do cientista, tais as indelévels marcas que lhe deixou a sua terra adoptiva. É um livro interessante que arranca da voragem do tempo superstições que os homens da terceira idade de hoje, dessa recôndita aldeia, ainda recordam com saudade.

Parabéns ao dinâmico autarca da freguesia de Rossas, Domingos Mangas, por ter metido ombros a esta valiosa nova edição e felicitações pelas apropriadas e esclarecedoras palavras da nota de abertura. Felicitações e parabéns extensivos a seu irmão, o Dr. Francisco Duarte Mangas, escritor e proficiente jornalista do Diário de Notícias, que veio com o seu prestígio prefaciá-lo esse precioso livro de registo de tantas superstições que não se perderam com as andanças do tempo, e que com esta oportuna reedição, aí ficam mais protegidas e ao alcance das crianças que queiram aprender, com o auxílio de uma palheira, a convidar o grilo a sair da toca: «Grilinho sai, sai, que mataram o teu pai; ou de quem queira aprender a talhar o bicho, ou a inveja, ou o ar, ou o mau-olhado, ou ainda afogar no rio, as maleitas.»

Não vou terminar o texto sem uma, ainda que leve, referência à sua personalidade. Lembro-me de, após o doutoramento, na Universidade do Porto, ter dito: «Há aqui uma pessoa - o da bola preta - que não me quer cá. Por isso vou para Lisboa. E foi no primeiro comboio.»

Por outro lado, sabe bem quem com ele conviveu, quer como discípulo, quer como simples conhecido, que o Prof. Carlos Teixeira era naturalmente uma alma preocupada em praticar o bem. Que o digam, e são tantos, sobretudo os alunos a quem ele, mesmo já fora da faculdade, resolveu inúmeros problemas humanos.

Carlos Teixeira, não sendo político, era uma das personalidades mais ouvidas e respeitadas pelos governos do Estado Novo. Daí a força da sua luta, sobretudo na protecção de tantos alunos que lhe passaram pelas mãos, e a ele recorreram em horas de aflição.



Ainda há poucos anos, uma força militar comandada por um oficial anónimo, certamente agradecido, se perfilou em frente à sua campa. E ali guardou um minuto de silêncio! Campa, aliás, sempre alindada, não por familiares que não deixou, pois foi o próprio Estado que lhe sucedeu na parca herança que lhe havia cabido por morte de seus tios, mas por mãos anónimas vindas não se sabe donde. Talvez de Lisboa. Daí também a homenagem póstuma que uma comissão organizou, por volta do início desta década de 90, por iniciativa do Dr. Boaventura Fernandes, muito próximo de si durante a sua vida académica, comissão encabeçada pela junta da freguesia de então. E à homenagem não faltaram as forças vivas do Distrito de Braga, nem a representação em carne e osso, dos altos quadros do corpo docente de todas as Universidades Portuguesas, designadamente dos Açores.

E a essa homenagem é devido o busto que no rossio da sua modesta casa, em S. Pedro, desafia o tempo.

Sendo um homem que, na vida, como cientista, enxergou tão longe e descobriu tanto, morreu cego. Mas ainda com os olhos da sua inteligência bem arregalados, fazendo lembrar, de certo modo, o nosso Castilho, pois manteve, e ainda por muito tempo, a sua específica colaboração, nesse prestigiado *Semanário Expresso*.

Mas, como mortal, que era, um dia foi arrebatado do seu próprio leito. E partiu.

«Uma vida ao serviço da Geologia» - reza a lousa fria de uma campa rasa, perdida entre tantas outras anónimas, no cemitério da freguesia de Rossas.



Avelino Barroso
Advogado
Braga



Homenagem a um mestre

Nas décadas de 50-60 do século passado, o Professor Carlos Teixeira foi uma das mais ilustres e prestigiadas figuras do mundo académico nacional. Graças a ele e também a outros, escassos, vultos intelectuais da época, as Ciências Geológicas ganharam visibilidade e relevância, situando-se no melhor patamar do panorama científico internacional. Nessa época, geólogo-professor, curiosamente em Fafe, e com uma promessa de trabalho numa empresa mineira de Angola, conheci o Professor Teixeira no dia de partida para esta terra longínqua e ignota, do meu curto horizonte de antanho. Foi no dia 29 de Junho de 1966. Decorria no edifício da Escola Politécnica, em Lisboa, uma exposição geológica do então mundo português. Magníficos exemplares de rochas, minerais e fósseis maravilhavam leigos e aprendizes de geólogos, como eu. Fui visitar a exposição na companhia de vários ex-colegas do Porto, “corridos” para Lisboa por revés de convivência com alguns mestres da escola do norte. Todos sem excepção estávamos fascinados a admirar uma maquete de grande dimensão, plasmada no chão da mostra, exibindo a Carta Geológica de Portugal que viria a servir de base à edição de 1972, à escala 1: 500 000. Eis que surge no recinto, simples e probo como sempre, o grande mestre que, na minha insignificância, considerava intangível. Reconhecendo os seus alunos, aproximou-se com a naturalidade de um amigo próximo. Fixando-me e não me conhecendo, perguntou quem era. O conhecido vulcanólogo dos Açores, Vítor Hugo, adiantou-se e respondeu pelos demais:

- É geólogo do Porto e vai hoje para Angola fazer prospecção de diamantes, no sul deste território.

Com a frontalidade que lhe era peculiar, o Professor retorquiu:

- E que sabe você dessa matéria?

- Nada, respondi a medo. Mas tenho muita vontade de aprender.

Olhou-me curioso e, com o extraordinário espírito de solidariedade que dedicava aos amantes e profissionais de geologia, recomendou que me socorresse, em seu nome, do apoio dos seus alunos que leccionavam na extensão de Lubango da novel Universidade de Luanda. E assim procedi.

Pouco tempo decorreu sobre este intimidatório primeiro contacto. Tinha em mão um estudo do vulcanismo fissural, contemporâneo da ruptura continental e abertura do Atlântico sul. A deriva dos continentes era concepção filosófica, não estava provada cientificamente, e o paradigma da tectónica

de placas ainda estava distante de formulação. precisava de determinada bibliografia que não encontrava em Angola. Resolvi escrever ao Professor Carlos Teixeira que, decorrida uma semana, prontamente me remeteu. Devo aqui acrescentar que a havia pedido antes a outros ilustres mestres e nem se dignaram responder-me. A partir deste episódio, carregado de incomensurável simbolismo, dado nunca ter sido seu aluno, nas viagens que dedicava a Angola para se inteirar do avanço do conhecimento e pressionar dirigentes universitários e de serviços públicos sobre a necessidade de intensificar programas de cartografia geológica e prospecção de recursos, dizia, nas múltiplas viagens a Angola em que sempre acompanhava os trabalhos dos seus alunos, eu também fui integrado na categoria de discípulo, sem discriminação, facto marcante de que guardo especial sentimento de gratidão.

Após a revolução de Abril, descolonização e retorno a Portugal, passei a seguir mais de perto as tremendas vicissitudes que o atingiram, a pior de todas, a iminência de cegueira. Foi sem dúvida o desastre máximo que se abateu sobre um insigne intelectual como o Professor Teixeira. Assim mesmo, teve uma influência decisiva na minha actividade de geólogo. Com o regresso de Angola fui integrado nos Serviços Geológicos e encaminhado para o Porto com objectivo de trabalhar no norte, ficando sediado no edifício do Serviço de Fomento Mineiro (SFM). Estava há mais de dois meses fechado num gabinete e, quase desesperava, a ler e estudar geologia de Portugal, sem me atribuírem qualquer actividade. Nas viagens periódicas de romagem às origens e à sua casa rural de Rossas, o Professor Teixeira hospedava-se no Hotel Paris do Porto, onde o gerente lhe dedicava toda a atenção devida ao seu débil estado de saúde e, bem assim, ao fiel e ilustre cliente. Ali recebia os seus inúmeros amigos nortenhos, inteirava-se da vida académica do norte e dos progressos de instalação da nova Universidade de Braga que lhe merecia desmedida atenção. Apesar de diminuído, mantinha-se o lutador inconformado de sempre, procurando dar solução a problemas situados na sua esfera de influência. No tempo remanescente, visitava os colegas do antigo SFM, de que era consultor. Ao verificar que me encontrava sem ocupação, levou-me ao gabinete de um seu colega e amigo, que me dispense de mencionar, tal como ele, debilitado por doença e idade avançada. Tinha por missão rever e editar Cartas Geológicas, esboçadas por antigas brigadas da Junta de Energia Nuclear enquanto



efectuavam prospecção de urânio no norte do país. Recomendou vivamente o apoio que eu poderia prestar nos levantamentos geológicos e estudos petrográficos. Assim comecei, verdadeiramente, a trabalhar nos Serviços Geológicos de Portugal. Mais tarde, afastado das funções lectivas por cegueira total, remetia-me para estágios em Cartografia Geológica, pagos através dos seus próprios honorários, alunos que ele distinguia por mérito. Alguns deles são hoje investigadores e professores de grande talento. Além da minha geração, outras anteriores e mais recentes estão-lhe penhoradas por estas e outras inumeráveis acções, abnegadamente prodigalizadas. Acresce ainda, que uma quota-parte da formação dessas gerações foi alicerçada nos seus ensinamentos transmitidos de viva voz ou dispersos por centenas e centenas de escritos. São sustentáculo, não só, do conhecimento científico, mas também, cimentadores de carácter, ética e profissionalismo.

O relato destas pequenas histórias do foro pessoal, pinceladas irrelevantes nos vertiginosos quadros actuais, têm o simples propósito de ajudar a traçar o perfil do Homem, Investigador e Professor, incansável obreiro da divulgação das Ciências Geológicas e do reconhecimento e dignificação dos profissionais de geologia.

Ora recordamos com nostalgia o amigo e rendemos homenagem ao Cientista e Professor por uma vida devotada à Geologia.

Eurico Pereira
Geólogo
Laboratório Nacional de Energia e Geologia - LNEG



Professor Carlos Teixeira Homenagem a um grande amigo

Conheci o Prof. Carlos Teixeira em 1963, ano em que do Porto rumei à capital para terminar a licenciatura em Ciências Geológicas; era assim que se designava o curso nessa altura.

Como afirmou o Prof. Orlando Ribeiro, amigos durante mais de meio século, Carlos Teixeira foi “uma das raras grandes figuras da Ciência portuguesa” que “amou e serviu a Ciência”.

Foi um professor competente, digno, dedicado ao estudo, à investigação e preparação dos futuros geólogos, admirado pelos seus alunos e seus pares, tendo deixado publicados mais de 400 trabalhos de investigação.

Além de notável investigador e lutador pela valorização da profissão de geólogo, o Prof. Carlos Teixeira foi um “pai” que viveu as venturas e desventuras dos seus alunos. Alguns deles ocupam ou ocuparam postos de prestígio nos Serviços Geológicos de Portugal, nos Institutos Geológicos e nas novas Universidades aqui e em Angola.

Ficam seguramente na memória dos seus alunos os percursos geológicos organizados durante o curso, geralmente marcados por alguma dureza. Alheio à fome e à sede, indiferente ao frio e ao calor e sem horas para terminar, o “geólogo de campo” tinha de ser resistente e persistente, e não era seguramente “solúvel na água”. Mas terminado o percurso sempre havia uma boa refeição, em são convívio, bem regada por verde tinto, vinho que ele muito apreciava. O Mestre “comportava-se também como um companheiro entre os seus alunos, por quem era afectuosamente respeitado”.

Carrington da Costa definia-o como “alma nobilíssima, de forte personalidade, tão senhor da sua palavra, tão sincero, tão duro talvez quanto convicto da sua razão”.

Foi um cidadão com notáveis princípios em que “ética” e “solidariedade” não eram palavras vãs, sempre pronto a ajudar, sobretudo os que estavam a iniciar a carreira profissional.

Por vezes adiantou verbas ou custeou estágio a alunos. Com frequência escrevia-lhes uma palavra amiga de conforto e de aconselhamento. Algumas das muitas missivas que me escreveu, fazem hoje parte do espólio entregue à Escola Prof. Carlos Teixeira.

Nas antigas Colónias, onde se deslocava sempre que podia, em viagens de investigação e de sensibilização das autoridades locais, junto das quais gozava do maior prestígio, para que o apoio à cartografia

geológica e avaliação dos recursos mineiros não faltasse, sempre arranjava tempo para procurar antigos alunos “perdidos” naquele imenso território e a eles levar uma palavra e um abraço amigo que constituíam um lenitivo para os duros trabalhos de campo. Tive o privilégio da sua visita no mato de Angola e com ele partilhei algumas das muitas dúvidas sobre a geologia da região de Vila Nova do Seles e Catanda, onde me encontrava.

Ouvia-o falar das novidades da Europa e de outros colegas espalhados pelo mundo da geologia e nunca esquecerei as centenas de quilómetros que fez, muitos por “picadas”, para me dar um abraço de estímulo e levar uma palavra amiga. Nessa visita à 2ª Brigada dos Serviços de Geologia e Minas, sediada nas margens do rio Tangaio a mais de uma dezena de quilómetros a sul de Seles, o Prof. Carlos Teixeira “fez-se” acompanhar por outro grande “senhor” da geologia, o Dr António Martins Peres. Este “senhor”, que também prematuramente nos deixou, era na altura chefe do Departamento de Cartografia Geológica do Serviço de Geologia e Minas de Angola. Acima de tudo um antigo aluno e grande amigo do Professor Carlos Teixeira. Aproveito aqui o ensejo para render homenagem a este grande homem e geólogo, impulsionador da cartografia geológica e da prospecção mineira em Angola.

Quando de Lisboa se deslocava ao Porto instalava-se invariavelmente no “seu” Hotel na Rua da Fábrica. Era aí sua base para trabalhar e receber os amigos. Sempre que podia retribuía as visitas aos seus amigos, dentro e fora do Porto.

Certa vez, já um pouco debilitado, pediu-me para o acompanhar numa visita ao amigo e companheiro de estudo, o Dr Albino (médico) na Póvoa de Lanhoso.

Na casa do Dr Albino foi recebido como um irmão que há muito se não vê. A satisfação da visita não era só por parte do dono da casa; tanto a esposa do Dr Albino, D. Elisa, como as filhas, estavam encantadas com a visita muito especial do velho amigo da família. Conversaram carinhosamente das coisas importantes do momento e recordaram o tempo de estudantes no Liceu Sá de Miranda, em Braga.

Chegada a hora do almoço, a mesa posta com uma bela toalha de linho e pejada das melhores iguarias que se produziam naquela casa de lavoura minhota, a Casa do Bárrio, em Moure, mais parecia preparada para receber um rei. Já sentados à mesa o Dr. Albino perguntou ao amigo Carlos, “o que vamos beber?”, ao que ele respondeu sem hesitar, “vinho da pipa detrás da porta”. Parece que no Minho o melhor vinho na adega, a pipa do patrão, fica ou ficava atrás da porta.

O Dr Albino além de médico da mãe do Prof. Teixeira,



era o seu confidente e com ele desabafava e discutia as decisões importantes e eventualmente controversas. Segundo a filha Lucinda, uma das questões postas à consideração do Dr. Albino foi a famosa “oração de sapiência”, a proferir na abertura das aulas da Universidade de Lisboa no ano de 1967. O amigo, depois de a ler, disse-lhe que se proferisse aquela lição seria seguramente preso pela PIDE. O texto foi mantido na íntegra, o Mestre era apologista da máxima “antes quebrar que torcer”, e felizmente a detenção não aconteceu.

No final da sessão o ministro da Educação da altura, presente na cerimónia, disse-lhe que queria falar com ele e de imediato foi agendada uma audiência para discutirem, a sós, os muitos problemas que afectavam as universidades portuguesas e que o Mestre não tinha deixado de denunciar.

Que diria hoje o Prof. Carlos Teixeira deste seu país em que o que resta dos Serviços de Geologia não tem meios para trabalhar. Em que a nossa cartografia geológica, à escala 1/50.000, projecto a que o Mestre sempre deu a maior atenção e, bem assim, a avaliação dos recursos do país em minérios, materiais de construção, recursos hídricos, recursos mineiros da plataforma continental, o ordenamento do território e a até a avaliação dos polémicos recursos de energia nuclear, continuam por concluir.

Felizmente foi também poupado a ouvir um deputado, da primeira fila da Assembleia da República, afirmar, alto e bom som, não saber para que serve a geologia.

Dedicou a sua vida à Ciência e teve amigos que nunca o abandonaram nos tempos difíceis de amargura e de cegueira. Amigos que lhe liam as novidades geológicas e outras, e escreviam os textos que lhes ia ditando. Deixou por concluir várias obras entre as quais um dicionário de termos geológicos, perecido na letra G.

Ter sido amigo do Prof. Carlos Teixeira foi um privilégio. É com vaidade e orgulho que me reclamo seu aluno, tendo procurado honrá-lo com trabalho digno, tentando servir a geologia deste país e prestigiar o seu nome.

É esta minha singela homenagem.

Armando Moreira
Geólogo
Laboratório Nacional de Energia e Geologia - LNEG



Carlos Teixeira no Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico (FCUP) (1936 a 1946)

Carlos Teixeira nasceu, em Aboim, concelho de Fafe em 23 de Setembro de 1910.

Frequentou o liceu até ao 6º ano em Chaves e em 1929 concluiu o 7º ano em Braga.

Ingressou na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, em 1929, como aluno da licenciatura em Ciências Histórico-Naturais e licenciou-se em 1933.

O que era a Faculdade de Ciências da Universidade do Porto (FCUP) e o estabelecimento anexo Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico (MLMG) quando Carlos Teixeira os conheceu.

A FCUP criada em 1911 tinha a organização comum às Faculdades de Ciências das três Universidades Portuguesas, mas era também uma Escola de Engenharia. Com a Reforma de 1911 foi, também, criado o MLMG e o quadro do corpo docente da FCUP distribuía-se por três secções e seis grupos. Uma delas era a 3ª Secção – Ciências Histórico – Naturais e um dos seus grupos era o 1º Grupo Ciências Geológicas.

O primeiro Professor do 1º Grupo, 3ª Secção foi o Doutor Aarão Ferreira de Lacerda que foi director do MLMG até 1926, ano do seu falecimento.

Com a reforma de 1926 o corpo docente passou a ser composto por, professores catedráticos, primeiros - assistentes e segundos - assistentes num quadro com quatro Secções e oito Grupos. A 3ª Secção – Ciências Histórico – Naturais possuía três grupos: 1º Grupo - Mineralogia e Geologia, 2º Grupo - Botânica e 3º Grupo - Zoologia e Antropologia.

As Ciências Histórico – Naturais e os seus professores, de 1929 a 1945, tiveram grande protagonismo e por isso a FCUP foi dirigida por professores da 3ª Secção. De 1929 a 1935 pelo Professor de Antropologia António Augusto Esteves Mendes Corrêa e de 1935 a 1945 pelo Professor de Botânica Américo Pires de Lima. Por Despacho de 11-08-1943 foi nomeado Secretário da FCUP o Professor de Geologia João Carrington da Costa.

O MLMG de 1926 a 1934 foi dirigido pelo Engenheiro José Amadeu dos Reis Castro Portugal, regente das cadeiras de Mineralogia e Petrologia, Mineralogia e Geologia e o curso de Cristalografia e de Geografia Física.

De 1934 a 1936, António Augusto Esteves Mendes Corrêa apesar de proprietário da cadeira de Antropologia, foi nomeado professor catedrático do 1º Grupo da 3ª Secção e, também, Director do MLMG. Sob sua orientação iniciaram-se as “Publicações do MLMG” e ocorreram as obras de remodelação da FCUP e do MLMG.

Domingos José Rosas da Silva que iniciou a sua carreira como segundo -assistente em 1918,

doutorou-se em 1930 com o primeiro doutoramento em Engenharia segundo as normas estabelecidas pelas legislação da República. Foi nomeado professor catedrático do 1º Grupo da 3ª Secção em 1936 (Diploma de 11- 04- 1936) e Director do MLMG de 1936 a 1961 (ano da sua jubilação). Foi neste contexto que Carlos Teixeira realizou a sua licenciatura tendo como professores Gonçalo Sampaio e Américo Pires de Lima (Botânica), Augusto Nobre (Zoologia), Mendes Corrêa (Antropologia, e com quem aprendeu a trabalhar em arqueologia pré-histórica), Castro Portugal (Mineralogia e Petrologia), Rui de Serpa Pinto (assistente de Geologia com quem realizou as primeiras excursões de campo) e Mendonça Monteiro (Química), entre outros. Após se ter licenciado foi assistente extraordinário de Botânica, no ano lectivo de 1933—1934, trabalhando com o Professor Gonçalo Sampaio.

O primeiro artigo de Carlos Teixeira foi de Arqueologia, talvez por influência dos ensinamentos que havia recebido de Mendes Corrêa, e incidiu sobre a descrição de «um peso bizantino de Braga», publicado na revista Alto Minho, de Viana do Castelo.

Resultado do contributo e colaboração de professores como Wenceslau de Lima (anté-1911), Aarão de Lacerda e Castro Portugal, o Laboratório Mineralógico e Geológico compreendia o Museu “Wenceslau de Lima” de Estratigrafia portuguesa, o Museu de Mineralogia Geral e o de “Mineralogia Portuguesa - “Coleção Castro Portugal”, a “Sala Aarão de Lacerda” de Paleontologia geral e por isso, no quadro do MLMG, existia um lugar de Naturalista.

Em 1928 foi contratado como Naturalista o licenciado João Carrington Simões da Costa cargo que exerceu até 1936, ano em que este passou a ser exercido pelo licenciado **Carlos Teixeira** (data de diploma 21-12-36) a convite do Professor Rosas da Silva.

Resultado do seu trabalho como Naturalista do MLMG, **Carlos Teixeira**, começou a ocupar-se, em particular, de fósseis vegetais do Carbónico devido ao seu gosto pela Botânica e realizou colheitas em formações do Carbónico continental (São Pedro da Cova, Midões e Pejão). Iniciou, deste modo, os trabalhos que viriam a ser tema da sua tese de doutoramento. Em 1938 publicou o artigo “O Antracólítico do Norte de Portugal” no nº6 da primeira série das Publicações do MLMG.

João Carrington Simões da Costa doutorou-se em 1931 mas só em 1937 passou a exercer as funções de Professor auxiliar e em 1938 de Professor catedrático (Diploma de 04- 10- 1938).

Não por coincidência começa um período áureo (1938-1945) para a Geologia na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto e



consequentemente para a Geologia portuguesa e isso graças à acção determinante de três Geólogos, o Professor catedrático Carrington da Costa, o Naturalista Carlos Teixeira e o Assistente extraordinário João Manuel Cotelos Neiva que, em 1939, começou a colaborar com o Grupo (só em 1942 passou a Assistente contratado).

O quadro do MLMG, no início de 1940, era o seguinte: Director -Domingos José Rosas da Silva; Naturalista - Carlos Teixeira; Preparador conservador - José Lopes de Castro; Preparador -António Francisco Pedro Viterbo; Colector -Joaquim Rodrigues. O quadro de docentes do 1º Grupo - Mineralogia e Geologia da 3ª Secção – Ciências Histórico – Naturais era constituído por: Prof. catedráticos (2 lugares) -Domingos José Rosas da Silva e João Carrington da Costa; Assistentes (2 lugares) -Judite Santos Pereira (diploma 16-02-34) e Augusto Barata da Rocha (diploma 23-03-39) (havia uma vaga de professor extraordinário).

Em Dezembro de 1940 nasce, no MLMG, a “SOCIEDADE GEOLÓGICA DE PORTUGAL” sendo seus fundadores o Professor Carrington da Costa e os Licenciados Carlos Teixeira e João Cotelos Neiva.

Nos anos 1941 a 1943 o MLMG conheceu um período de ainda maior actividade científica graças aos da “casa” e aos que com eles vieram colaborar. Por lá passaram, entre outros, Orlando Ribeiro, Alberto Cerveira, Neftali Fonseca e George Zbyszewski que com eles também publicaram nas “Publicações do MLMG”, nos “Anais da FCUP” e no “Boletim da SGP” (anexo).

Em 1944 e 1945 verificaram-se no Porto três doutoramentos em Ciências Geológicas: o de João Manuel Cotelos Neiva (21-11-1944) com a tese “Jazigos Portugueses de volframite e de cassiterite” o de Carlos Teixeira (22-12-1944) com a tese “Antracólítico continental português” e o de Judite da Santos Pereira (25-01-1945) com a tese “Formações portuguesas com halosite, caulinite e montmorilonite” (2ª Senhora a doutorar-se pela UP). De referir que após 1945 só em 1974 se verificou de novo um doutoramento em Geologia na FCUP.

Em 1945, o Prof. Carrington da Costa propôs em Conselho Escolar que fosse dada a Carlos Teixeira a regência da cadeira de Paleontologia, proposta que teve, entre outros, a oposição do Prof. Rosas da Silva (Director do MLMG e Professor catedrático mais antigo). Este facto não permitiu a passagem de Carlos Teixeira para a carreira docente e foi seguramente determinante para que em **02-03-1946 o Doutor Carlos Teixeira deixasse o MLMG** para ocupar o lugar de 1º assistente na Faculdade de Ciências da

Universidade de Lisboa. Em 1948 realizou provas de agregação e em 1950, foi nomeado professor catedrático da mesma Faculdade.

Em 18-05-1948 o Doutor João Manuel Cotelos Neiva ocupa a vaga de Professor extraordinário permanecendo na FCUP até Novembro de 1949 pois aos 15 dias desse mês toma posse como Prof. Catedrático mas na Universidade de Coimbra.

Também em 1949 o Prof. Carrington da Costa parte para Lisboa, como bolseiro, para Junta de Energia Nuclear. Os únicos doutorados que permaneceram na FCUP foram o Professor Rosas da Silva (Professor catedrático) e a Doutora Judite Pereira (como 1ª assistente).

O Professor Rosas da Silva manteve-se como Director do MLMG até à data da sua jubilação o que aconteceu em 1961.

Com a partida de Carlos Teixeira e depois de Cotelos Neiva e Carrington da Costa o Grupo de Mineralogia e Geologia e o MLMG da FCUP ficaram pobres, mas em contrapartida os Grupos de Lisboa e de Coimbra receberam reforço determinante não só para o seu progresso mas principalmente da Geologia em Portugal.

Tive o privilégio de conhecer pessoalmente o Professor Carlos Teixeira que me foi apresentado no Porto, em 1975, no café “Estrela de Ouro” não longe do Hotel Paris, o seu

preferido, pelo seu discípulo Professor Ávila Martins e por isso, infelizmente, não tive oportunidade de conhecer melhor o Professor. Mas quem melhor que os seus contemporâneos e amigos como os Professores Carrington da Costa e Orlando Ribeiro para descrever o seu perfil como Homem, Professor e Geólogo: «alma nobilíssima, de forte personalidade, tão senhor da sua palavra, tão sincero, tão duro talvez quando convicto da sua razão, mas sempre actuando com a maior lealdade, amigo seguro e reconhecido ao máximo, capaz de todas as dedicações, de todas as renúncias. De fecunda actividade, de persistência pouco vulgar, dotado de vontade que nenhuma dificuldade quebranta, para ele nunca contam os sacrifícios pessoais de qualquer ordem» (in Gonçalves 1984-85), “robusto de corpo e de espírito, insensível à fadiga e ao conforto, comendo e bebendo bem mas indiferente à hora das refeições Carlos Teixeira foi sobretudo um infatigável trabalhador de campo....Um verdadeiro naturalista ao modo clássico e o reverso dos homens de gabinete” (Orlando Ribeiro, 1982).

Bibliografia

Zbyszewski, G. e Gonçalves, F., "Carlos Teixeira", *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, 69 (1983), 177—198

Gonçalves, F., "Notícia bibliográfica sobre Carlos Teixeira", *Boletim da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais*, XXII (1984—1985), 2ª série, 85—90

Mota, T. S., Carlos Teixeira (1910—1982). <http://cvc.instituto-camoes.pt/p54.html>

Ribeiro, Orlando (1982). A personalidade de Carlos Teixeira. In: Volume de Homenagem ao Professor Doutor Carlos Teixeira. *Bol. Soc. Geológica de Portugal*, vol. XXII.

ANEXO

ARTIGOS DE CARLOS TEIXEIRA PUBLICADOS NO PORTO

PUBLICAÇÕES DO MUSEU E LABORATÓRIO MINERALÓGICO E GEOLÓGICO

Primeira série

VI-CARLOS TEIXEIRA - O Antracólítico do Norte de Portugal. 1938.

VII-CARLOS TEIXEIRA - Subsídio para o conhecimento da flora fóssil do Antracólítico Nortenho. 1938.

IX- CARLOS TEIXEIRA - Insecto do Estefaniano do Douro Litoral. 1939.

X - CARLOS TB.IXEIRA - Sobre o *Sphenophyllum Costae* Sterzel do Carbonífero Português. 1939.

XI - CARLOS TEIXEIRA - Contribuição para o estudo do Estefaniano dos arredores do Porto. 1939.

XX - CARLOS TEIXEIRA - Estudos sobre a Paleobotânica Portuguesa. 1940.

Segunda Série

XXVII- CARLOS TEIXEIRA- Elementos para o estudo da flora fóssil do Autuniano do Buçaco, 1942

XXXIII- CARLOS TEIXEIRA- Sequóia fóssil do Cenozóico português. 1944.

XXXV CARLOS TEIXEIRA- A expansão do *Pinus Sylvestris* L. no Sudoeste da Europa e a mudança climática dos fins do Pliocénico. 1944.

ANAIIS DA FACULDADE DE CIÊNCIAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

CARLOS TEIXEIRA –Alethopteris do Carbonífero português. Vol. XXV, 172-175, 1940

CARLOS TEIXEIRA –Elementos para o estudo do Estefaniano duriense. Vol. XXV, 224-237, 1940

CARLOS TEIXEIRA – Sur quelques insectes fossiles du carbonifère de L'Alentejo. Vol. XXVI, 117-120, 1941

CARLOS TEIXEIRA – Novos subsídios para o estudo da flora fóssil do Estefaniano duriense. Vol XXVI, 175-185, 1941

CARLOS TEIXEIRA – O género Smilax na flora portuguesa.. Vol. XXIX, 94-101, 1944

CARLOS TEIXEIRA – Um novo *Cinnamomum* fóssil de Portugal e algumas considerações sobre a cronologia do grés do Buçaco. Vol. XXIX, 213-219, 1944

CARLOS TEIXEIRA & NEFTALI DA COSTA FONSECA – Formações eruptivas relacionadas com o Estefaniano de S.Pedro da Cova.

BOLETIM DA SOCIEDADE GEOLÓGICA DE PORTUGAL

Volume I-

Fascículo I (1941)

CARLOS TEIXEIRA- Nouveau insecte du Stéphanien portugais

Fascículo II (1942)

CARLOS TEIXEIRA- Os movimentos hercínicos na tectónica portuguesa.

Fascículo III (1942)

CARLOS TEIXEIRA- Notas sobre a Geologia do Triássico português

O.RIBEIRO e C.TEIXEIRA- Sur le caractère continental du Trias portugais

C.TEIXEIRA, J.M. COTELO NEIVA e A. CERVEIRA- Esboço geológico da região de Queiriga. (Viseu)

Volume II

Fascículo I (1943)

CARLOS TEIXEIRA- Notas sobre o estudo do Karoo da região de Tete na África oriental portuguesa.

Volume III

Fascículo I-II (1943)

CARLOS TEIXEIRA- O Paleozóico Ibérico e os movimentos Caledónicos e Hercínicos.

O.RIBEIRO, J.M.COTELO NEIVA E C.TEIXEIRA- Depósitos detríticos da bacia do Cávado.

O.RIBEIRO, J.M.COTELO NEIVA E C.TEIXEIRA- Depósitos e níveis pliocénicos e Quaternários dos arredores do Porto.

Fernando Noronha
Geólogo

Departamento de Geociências, Ambiente e Ordenamento do Território
Faculdade de Ciências - Universidade do Porto
Porto, Agosto de 2010





O meu testemunho sobre o Prof. Carlos Teixeira

Fui aluno do Prof. Teixeira nos anos lectivos 1969/70 a 1971/72. Ensinou-me Estratigrafia, Paleontologia, Geologia de Portugal e Paleobotânica. Recordo as suas aulas como um pouco formais e sempre depois de almoço. Sentava-se à secretária, falava sobre os temas a tratar numa sequência lógica e bem preparada, sempre com a preocupação de dar exemplos portugueses, utilizando a sua memória excepcional. Não utilizava muita figuração, mas de tempos a tempos fazia uma aula só com projecção de diapositivos que ia comentando. Era frequente chamar o contínuo, o Sr. José Silva, para lhe trazer tabuleiros com exemplares de fósseis ou de rochas para ir mostrando; em regra, o Sr. José chegava à sala, o Prof. Teixeira pedia o material que queria, respondia sim Sr. Professor, muitas vezes saía da sala por alguns minutos e regressava dizendo que o tabuleiro não estava no lugar, o que provocava um riso encapotado dos alunos que sabiam que nem o tinha ido procurar... Os exames incluíam sempre uma prova oral onde o Prof. Teixeira se deliciava perguntando aos alunos a sua terra natal e fazendo perguntas do estilo “junto à capela há uma estrada que segue para o monte tal, que rochas ou fósseis podem ser observadas junto à fonte”. Normalmente os alunos fugiam a essas questões dizendo todos que eram de Lisboa.

Em 1970, um familiar ofereceu-me um pedaço de tronco silicificado da região da barragem de Montargil. Fui ter com ele e mostrei-lhe o exemplar que estava particularmente bem conservado. Quis ir de imediato ao local, onde fomos poucos dias depois na companhia do Prof. Galopim de Carvalho que conhecia a geologia da região e o Prof. António Serralheiro, então Assistente da disciplina de Paleontologia, no jeep da Faculdade conduzido pelo Sr. Joaquim César Lopes seu companheiro de todas as viagens, que o tratava por Mestre, e a quem também presto a minha homenagem. Como eu não conhecia o local, fomos à minha terra natal (Cabeção) onde o meu pai foi mostrar o sítio de onde tinha sido recolhido o tronco. Fizemos um pequeno reconhecimento geológico pelo local e acabamos a almoçar em minha casa onde a minha mãe, muito aflita por ter em casa um Professor Catedrático, preparou um almoço alentejano com migas de espargos e carne de porco que o Prof. Teixeira adorou.

De regresso à Faculdade, o Prof. Teixeira sugeriu que eu estudasse o tronco. Fiquei encantado. Estudei o necessário, seguindo as suas indicações, e com a ajuda da Prof. de Botânica Salomé Pais, lá consegui reconhecer que se tratava de um tronco de sobreiro; este estudo veio a constituir o meu primeiro trabalho científico, publicado em 1972 no Boletim do Museu Mineralógico e Geológico da Faculdade de Ciências de Lisboa. Na sequência deste trabalho, e como eu tinha de fazer um relatório final de curso, o Prof.

Teixeira propôs que eu estudasse as plantas fósseis de Ponte de Sôr, não longe de Cabeção. Prestou-me a ajuda possível, quando os seus olhos já não estavam bem e ele não aceitava a doença. Dizia, rindo-se, que um Geólogo não ficava doente. Mas nas aulas, o problema de saúde era evidente pois adormecia com frequência, às vezes no meio de uma frase; a diabetes desenvolvia-se e só demasiado tarde iniciou o tratamento. Com alguma dificuldade, lá estudei o material e elaborei o respectivo relatório que ainda foi avaliado por ele.

Tive ensejo de fazer com ele diversas saídas de campo onde procurava mostrar o que mais significativo havia na Geologia de Portugal. Recordo uma vez, na Malveira da Serra (Sintra), onde depois da visita de campo, acabamos todos numa tasca a comer chouriço assado em grande e demorada petisqueira.

Ainda aluno, nos finais de 1970, o Prof. Teixeira convidou-me para Monitor. Acompanhei as aulas práticas de Paleontologia e de Geologia de Portugal e fiz um primeiro estágio de cartografia geológica no Algarve, orientado pelo Prof. Rogério Rocha que estava a preparar o seu Doutoramento. Este estágio, e outros que se lhe seguiram, incutiram em mim o *bichinho* da cartografia que ainda hoje perdura e que era também uma das paixões do Prof. Teixeira.

Quando terminei o curso em 1972 convidou-me para Assistente. Aceitei de imediato. Passei a dar aulas práticas de Paleontologia Estratigráfica e, um pouco mais tarde, de Geologia de Portugal, entre outras. Já comigo integrado no Centro de Geologia Pura e Aplicada, foi-me cedendo restos fósseis de plantas para estudar. Os restos eram de diversas idades o que me foi proporcionando uma formação diversificada que me veio a ser extremamente útil ao longo da minha carreira profissional.

Estávamos no ano lectivo de 1973/74. Com o 25 de Abril de 1974 teve problemas sérios na Faculdade. Foi atacado pelo poder significativo que tinha tido e usado todavia, sempre em defesa da Geologia e da profissão de Geólogo; deixou de ir ao Departamento e ao Centro. Tentou lutar contra as injustiças que lhe estavam a ser feitas mas a situação não era favorável, até porque estava cada vez mais doente e praticamente cego. Continuou sempre a apoiar-me; estagiei com o seu apoio em França (1973) no laboratório do Prof. E. Boureau, seu amigo, e em Inglaterra (1974) com o Prof. Thomas Harris também seu conhecido.

Pude estudar fósseis vegetais do Paleozóico e do Mesozóico, cujos resultados vieram a ser publicados no Boletim da Sociedade Geológica de Portugal, então suportado financeiramente pelo Prof. Carlos Teixeira. Com ele colaborei na reedição do livro de Paleobotânica que ele havia publicado em 1959, tendo a publicação também sido por si suportada.

Para trabalhar com ele ia a sua casa onde lia os textos e ele ia corrigindo e ditando de memória as suas notas. De vez em quando era necessário consultar algum livro ou outra publicação que ele tinha em pilhas sobre a mesa de trabalho e, mesmo cego, dizia que estava na pilha à direita ou à esquerda. A partir de certa altura foi-se estabelecendo uma escala entre os colaboradores e amigos mais próximos, de tal forma que ele ficava aborrecido quando alguém não podia aparecer. Desta forma ainda completou, essencialmente à custa da sua memória prodigiosa, diversos trabalhos incluindo dois livros de Geologia de Portugal editados um pelo antigo INIC, outro pela Fundação Gulbenkian, que foram praticamente ditados de memória.

A minha situação na Faculdade de Ciências também se foi complicando por ter continuado a apoiar e a trabalhar com o Prof. Teixeira. Em 1976 ingressei na Universidade Nova de Lisboa, onde vim a desenvolver o trabalho que conduziu à minha dissertação de doutoramento que conclui em finais de 1981. As minhas provas públicas foram marcadas para 5 e 6 Julho de 1982. Tinha estado em sua casa a convidá-lo para assistir e tinha mesmo arranjado um esquema para o ir buscar e levar a casa; todavia, veio a falecer, inesperadamente, a 7 de Junho.

O Prof. Teixeira foi um apaixonado pela Geologia que defendeu e desenvolveu o melhor que pode. Amigo do seu amigo, lutador empenhado, impondo a sua vontade e os seus pontos de vista, mas acolhendo facilmente as ideias dos seus amigos. Foi o grande impulsor da cartografia geológica e da geologia de campo. Andarilho nato, conhecia como ninguém todos os cantos do território nacional, incluindo o antigo ultramar onde se deslocou por diversas vezes. Foi um observador perspicaz e dotado de uma memória fantástica.

Carlos Teixeira marcou gerações de geólogos sobretudo pela forma como lhes incutiu os valores da Geologia, em especial a geologia de campo, a cartografia geológica, que continua a constituir o essencial da Geologia e a melhor fonte de informação dos geólogos.

É na geologia de campo que se adquire e educa o pensamento espacial dos geólogos, a capacidade de idealizar a tridimensionalidade dos objectos e em visualizar as mudanças no tempo, como resposta a processos físicos, químicos, mecânicos, biológicos. É aí que se revela toda a interdisciplinaridade e complexidade da Geologia. Ao introduzir a dimensão temporal enquanto calendário de acontecimentos, a representação adquire uma quarta dimensão que dá aos geólogos a capacidade única para reconstituir o passado da Terra, explicar o presente e prever o futuro.

Foi um lutador e defensor da profissão de geólogo. Procurou sempre empregar os seus alunos, que depois não abandonava, procurando saber como decorria a sua actividade, ajudando-os a ultrapassar as dificuldades com que se iam deparando.

Foi um Geólogo no verdadeiro sentido do termo; lutou toda a vida pelo reconhecimento da importância da Geologia para o desenvolvimento da Sociedade e do País.

João Pais
Geólogo

Departamento de Ciências da Terra, Faculdade de
Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de
Lisboa

Fafe, 23 de Setembro de 2010





Carlos Teixeira

O nome do Prof. Carlos Teixeira foi ultimamente muito lembrado no meio geológico português, por razões que se prendem com a decisão do governo em vender em hasta pública a sua residência em Rossas, Vieira do Minho, por ele deixada como herança ao Estado. Esta decisão governamental gerou inesperado e comovedor movimento de repulsa por parte de muitos membros da comunidade geológica portuguesa, o que me apraz aqui registar. As diligências encetadas pela APG no sentido de que aquela residência não fosse alienada a um particular, transformando-se em alternativa numa casa-museu ou algo de semelhante, são dignas do maior apreço e encorajamento, revelando assim, e mais uma vez, que a memória de muitos homens não é curta!

Porque estou consciente de que a obra e acima de tudo a personalidade de Carlos Teixeira são mal conhecidas para muitos geólogos das gerações mais novas, resolvi escrever esta pequena nota na expectativa de que possa, de algum modo, contribuir para o seu conhecimento. Ela resulta da boa relação de convivência que com ele mantive e, também, da minha mágoa por constatar o esquecimento injusto a que tem sido votado.

Não é minha intenção proceder aqui à análise exaustiva da enorme actividade desenvolvida por Carlos Teixeira, tanto a nível de publicações científicas como de pedagogo e divulgador das geociências, e também do seu empenho em relação à dignificação da profissão de geólogo. Excelentes resumos desta actividade foram publicados em 1976 pelo seu grande amigo Francisco Gonçalves (edição do autor), e em 1982 por G. E Zbyzewski e F. Gonçalves (Com. Serv. Geológicos de Portugal, tomo 69) os quais aconselho vivamente sejam lidos pelos mais interessados.

Carlos Teixeira nasceu em 1910, em Aboim, Fafe, e faleceu em Lisboa, em 1982. Foi um homem culto, à boa maneira multifacetada de estilo renascentista, como atesta a sua vasta bibliografia. Foi professor na Faculdade de Ciências do Porto, onde se doutorou, e de Lisboa, onde se jubilou. Da sua vasta obra publicada sintetizo: 131 publicações sobre paleontologia, com particular incidência sobre unidades do Paleozóico e Mesozóico de Portugal, e também do Sistema Karoo de Angola e Moçambique; 36 co-autorias de cartas geológicas de Portugal na escala 1/50000 e também a outras escalas; 110 artigos sobre vários aspectos da geologia, desde rochas granitóides até às areias do Quaternário; 77 artigos de divulgação científica na forma de palestras, sínteses variadas sobre temas geológicos de Portugal, Angola, Moçambique, Goa, Damão e Diu; 16 publicações sobre antropologia, etnologia e história; 18 artigos sobre arqueologia, com particular incidência

sobre a cultura castrense; 30 notas sobre a vida e obra de personalidades marcantes na actividade geológica do país; 254 termos geológicos definidos para a Enciclopédia Verbo. Além disso, implementou o Dicionário de Termos Geológicos publicado pelo Centro de Estudos de Geologia anexo à Faculdade de Ciências de Lisboa; publicou numerosos artigos na imprensa diária, na generalidade defendendo o ensino da geologia, o reconhecimento da profissão de geólogo e das instituições onde se ensina e trabalha esta ciência. Foi sócio fundador da Sociedade Geológica de Portugal e da Liga da Protecção da Natureza, e membro das Academias de Ciências de Lisboa e Madrid, bem como de várias sociedades científicas nacionais e estrangeiras, de que destaco a vice-presidência da Sociedade Geológica de França. A exemplo dos estudos recentemente publicados nas Comunicações do IGM (tomo 88,2001) relativos às obras de Carlos Ribeiro, Nery Delgado, Paul Choffat, tenho esperança de que a mesma atenção venha a ser dedicada, em futuro próximo, à obra e personalidade de Carlos Teixeira, e à grande contribuição que deu para o progresso das geociências em Portugal.

Para além de destacado cientista no seu tempo, Carlos Teixeira revela uma personalidade com facetas curiosas e complexas, por vezes contraditórias, por isso geradoras de controvérsia e alguma paixão, como aliás é comum nos grandes homens. Foi nacionalista convicto, atitude que se manifestava mais claramente quanto via ou tinha conhecimento de geólogos estrangeiros a investigar a geologia do país. Amante da natureza e do trabalho de campo, e orgulhoso da sua condição de rural minhoto, que exibia com gosto, sujeitava os seus alunos e colaboradores a longas caminhadas por montes e vales, a maior parte das vezes sem comer, como que a testá-los para as exigências da profissão. A estas facetas, que o levaram a criar e lutar pelo seu território de acção, juntava o seu carácter paternalista, que aplicava em favor de muitos geólogos recém formados, que assumia clara ou disfarçadamente como seus protegidos. Daí o facto, bem conhecido, de ter sido no seu tempo o maior empregador de geólogos, tanto em Portugal como nas ex-colónias.

Foi “compreensivo” e “tolerante” para com o regime anti-democrático vigente durante grande parte da sua vida; no entanto, era popular entre os alunos devido à sua proverbial frontalidade. Tendo eu sido dirigente associativo e, como tal, distribuidor de “propaganda” estudantil, nunca me fez sentir ou transmitiu qualquer reacção de enfado por esta minha actividade realizada nas aulas. A este propósito, não resisto a contar um episódio, para o qual peço a boa compreensão dos leitores, pelo seu cariz pessoal.

Estamos em 1965, na véspera do exame final da cadeira de Geologia Geral, a que me faltava para



acabar o curso de Ciências Geológicas.

Com muita paciência e amizade, o meu amigo José Esteves de Matos metia-me na cabeça a matéria que eu não tinha tido tempo de estudar devido às minhas actividades associativas. Por volta das 22 horas, entra de rompante pelo meu quarto, onde estudávamos, um polícia da PIDE, que vasculhou todos os papéis e livros existentes, alguns destes proibidos, na procura desesperada de algo, que vim a saber posteriormente tratar-se de documentos roubados ao processo instaurado pelo governo aos dirigentes associativos, onde constava o meu nome. Embora eu já estivesse habituado a perseguições pidescas, desta vez fiquei verdadeiramente perturbado, temendo o pior, isto é, a prisão. É claro que, perante a situação e, valha a verdade, devido também aos meus limitados conhecimentos, o exame no dia seguinte correu-me mal. Passados dois ou três dias, encontrei o Prof. Teixeira no corredor da Faculdade, onde me comunicou estar o meu exame fraco, informação esta que estranhei porque ele não tinha sido o professor da cadeira. À laia de justificação, contei-lhe o sucedido na noite anterior ao exame e informei-o de que iria ser julgado em tribunal, a curto prazo. Logo ali me acalmou e providenciou para que eu fizesse prova oral urgentemente e, para meu espanto, ofereceu-se para ser minha testemunha no julgamento. Por sua influência, foi-me atribuída nota que eu não merecia. Mais ainda, arranjou maneira de eu fazer estágio de um mês na região de Évora e, nos últimos dias do estágio, em visita à região, ofereceu-me a possibilidade de emprego numa empresa canadiana com actividade de prospecção no país. Este é um exemplo de entre vários outros de igual cariz, passados comigo. É bom lembrar que episódios semelhantes se passaram com muitos outros colegas geólogos recém formados.

Na parte final da sua vida, Carlos Teixeira foi profundamente afectado por diabetes, doença que lhe provocou cegueira e da qual veio a falecer. Durante esta fase teve momentos em que perdeu a lucidez comportamental e mesmo científica, tendo tomado atitudes controversas, roçando por vezes alguma agressividade nas críticas que fazia, várias delas infundadas. Eu mesmo fui objecto de algumas dessas críticas, a que não atribui importância por saber do seu estado de saúde. Por estas razões e, talvez, por alguma incompreensão de muitos dos seus antigos colaboradores, viveu em relativo isolamento nos últimos anos da sua vida. O seu corpo, exposto em câmara ardente na casa mortuária da igreja da Estrela, foi objecto de muitas visitas dos seus contemporâneos. Mas o cortejo fúnebre para a sua aldeia de Rossas foi acompanhado por meia dúzia de pessoas! Só anos mais tarde a Câmara Municipal de Vieira do Minho lhe prestou pública homenagem, a

que se associaram várias entidades oficiais e os seus amigos mais firmes. Falta, a meu ver, a homenagem da comunidade geológica do país, que indiscutivelmente lhe é devida.

J. Tomas Oliveira
Geólogo

Laboratório Nacional de Energia e Geologia - LNEG



Carlos Teixeira (1910-1982)

Carlos Teixeira licenciou-se em Ciências Histórico-Naturais pela Faculdade de Ciências da Universidade do Porto (FCUP), em 1933. No ano lectivo de 1933—1934, foi contratado como assistente extraordinário de Botânica pela mesma Faculdade e, em 1937, passou a naturalista do Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico, posição que ocupou até 1946.

Apesar de, inicialmente, Carlos Teixeira se ter interessado pelas áreas da Pré-História, Antropologia e Etnografia, acabou por dedicar a sua carreira científica à Geologia. Em 1938, enquanto bolseiro do Instituto para a Alta Cultura, estagiou no Instituto Geológico da Universidade de Lille, França, no âmbito da preparação da sua tese de doutoramento, dedicada ao Carbónico de Portugal, e que defendeu na FCUP em 1944. Em 1946, Carlos Teixeira ingressou como 1º assistente na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e, em 1950, tornou-se professor catedrático desta Universidade, onde, a partir de 1956, fundou e dirigiu o Centro de Estudos de Geologia. Este Centro terá albergado uma das primeiras, se não a primeira, 'escola de investigação' de Geologia em Portugal, dirigida por Carlos Teixeira.

A sólida preparação que Carlos Teixeira possuía em Botânica fê-lo optar, de início, pela Paleobotânica; no entanto, a sua carreira científica e profissional enquanto geólogo caracterizou-se por abarcar, praticamente, todas as áreas da Geologia. Geólogo de campo por excelência, esteve envolvido, enquanto colaborador dos Serviços Geológicos de Portugal (SG), na realização da cartografia geológica de Portugal na escala 1:50 000, sendo autor ou co-autor de muitas das suas folhas. Além disso, Carlos Teixeira foi responsável, juntamente com o seu discípulo Francisco Gonçalves, pela 4ª edição, em 1972, do mapa 1:500 000 de Portugal continental. Carlos Teixeira fez parte de diversas missões aos territórios das antigas possessões coloniais portuguesas e envolveu-se com os problemas geológicos respeitantes, simultaneamente, a Portugal e a Espanha.

Carlos Teixeira foi, ainda, consultor da Junta de Energia Nuclear e membro da Junta de Investigações do Ultramar. Da sua obra científica constam mais de 500 trabalhos, dedicados à geologia de Portugal continental e das antigas possessões coloniais do país. O reconhecimento científico de que granjeava enquanto paleontólogo, é bem demonstrado pelas diversas novas formas fósseis que lhe foram dedicadas, adquirindo o seu nome. Todavia, Carlos Teixeira não colecionou muitos títulos; era sócio de número da Academia de Ciências de Lisboa, membro da Academia de Ciências de Madrid e foi vice-presidente da Sociedade Geológica de França.

Carlos Teixeira foi, ainda, consultor da Junta de Energia Nuclear e membro da Junta de Investigações

do Ultramar. Da sua obra científica constam mais de 500 trabalhos, dedicados à geologia de Portugal continental e das antigas possessões coloniais do país. O reconhecimento científico de que granjeava enquanto paleontólogo, é bem demonstrado pelas diversas novas formas fósseis que lhe foram dedicadas, adquirindo o seu nome. Todavia, Carlos Teixeira não colecionou muitos títulos; era sócio de número da Academia de Ciências de Lisboa, membro da Academia de Ciências de Madrid e foi vice-presidente da Sociedade Geológica de França.

Carlos Teixeira teve importância fundamental na defesa e desenvolvimento da Geologia em Portugal. Além de ter sido um dos primeiros geólogos a criar escola em Portugal, foi, igualmente, em 1940, um dos fundadores da Sociedade Geológica de Portugal. É, sem dúvida, inegável o papel determinante desempenhado por Carlos Teixeira na Geologia portuguesa do século XX, quer pela quantidade e diversidade de trabalhos publicados, quer pela sua determinação pessoal e devoção à causa científica.

Bibliografia:

- Carneiro, A. e Mota, T. S., "Geology and Religion in Portugal: three peculiar case- studies" in N/a, *The Historical Relationship of Geology and Religion, Abstracts and Field Guides*, (Eischttat, Agosto de 2007), p. 13
- Gonçalves, F., "Notícia bibliográfica sobre Carlos Teixeira", *Boletim da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais*, XXII (1984—1985), 2ª série, 85—90
- Gonçalves, F., *Carlos Teixeira, Notícia Bio-bibliográfica, o Pedagogo, o Cientista*, (Lisboa, Edição de autor, 1976)
- Mota, T. S., *Os Serviços Geológicos entre 1918 e 1974: da Quase Morte a uma Nova Vida*, tese de doutoramento, (Lisboa, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, 2007).
- Mota, T. S., "Os Serviços Geológicos de Portugal: uma escola prática para geólogos", e-Terra, 1 (2010), volume 15
- Ribeiro, O. "A personalidade de Carlos Teixeira" in Ribeiro, O., *Opúsculos Geográficos, Volume I*, (Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1989), pp. 307—313
- Simões, A., (coord.), *Memórias de Professores Cientistas. Os 90 Anos da FCUL, 1911—2001*, (Lisboa, FCUL, 2001), 91—95
- Zbyszewski, G. e Gonçalves, F., "Carlos Teixeira", *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, 69 (1983), 177—198

Teresa Salomé Mota
Centro Interuniversitário de História das Ciências e da
Tecnologia
Faculdade de Ciências e Tecnologia - Universidade Nova
Lisboa





Carlos Teixeira (1910-1982) Uma vida devotada ao serviço da Ciência

Carlos Teixeira nasceu a 23 de Setembro de 1910 em Aboim, concelho de Fafe, e frequentou o ensino secundário nos então Liceus de Chaves (1922-1928) e de Braga (1928-1929).

Na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, onde inicia o curso de Ciências Histórico-Naturais (1929-30), foi aluno de Mestres prestigiados como Sousa Pinto, Gonçalo Sampaio, Augusto Nobre, Mendes Corrêa, Américo Pires de Lima, Rui de Serpa Pinto e Mendonça Monteiro. Terminada a licenciatura em 1933, com a classificação de 15 valores, ingressa na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra onde foi aprovado nas cinco disciplinas que constituíam o Curso de Ciências Pedagógicas.

Integra a equipa do Professor Gonçalo Sampaio como Assistente extraordinário do 2º Grupo (Botânica) da Faculdade de Ciências do Porto (1934); mais tarde, a convite do Professor Rosas da Silva, ocupou a vaga deixada por Carrington da Costa, de Naturalista do Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico (1937-46).

No Porto, desenvolveu intensa actividade científica, iniciada (1934) nos domínios da Antropologia, da Etnografia e da Arqueologia e, depois, continuada nos da Geologia e da Paleontologia, a partir de 1938. Não foi a isso estranha uma bolsa de estudos concedida pelo Instituto para a Alta Cultura (Setembro de 1938) que lhe permitiu trabalhar em França, no Institut de Géologie da Université de Lille, sobre a geologia e a paleontologia do Paleozóico Superior; visitou, nesta altura, vários outros laboratórios e museus geológicos de França (Paris, Lyon, Bordeaux, Saint Étienne, Strasbourg, Nancy, Rennes, Toulouse, Marseille), da Suíça (Genève, Lausanne, Bâle) e da Bélgica (Bruxelles, Liège), tendo trabalhado com alguns dos melhores especialistas europeus da época (Paul Bertrand, Pierre Pruvost, Paul Corsin, S. Leclerc, Daniel Laurentiaux, Edouard Boureau, Jacques Bourcart,...). Estes contactos foram depois desenvolvidos, essencialmente a nível da Europa ocidental, durante os anos 40 a 60 do século passado.

O seu *curriculum* era, por isso, já extenso (mais de 80 publicações) quando apresentou, em Dezembro de 1944, a tese de doutoramento em Ciências Histórico-Naturais, sobre “O Antracólítico continental português (Estratigrafia, Tectónica)”; uma “bola preta” de um dos elementos do júri levou-o a tomar a decisão de se mudar para Lisboa. Nesta altura foi nomeado colaborador dos Serviços Geológicos de Portugal (Portaria de Novembro de 1944, publicada em Diário do Governo de Janeiro de 1945).

Foi contratado como 1º Assistente do 1º Grupo da 3ª Secção (Mineralogia e Geologia) da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa em Março de 1946 e encarregue das regências teóricas das

disciplinas de Geologia e de Paleontologia; foi na capital do País que decorreu intensamente, a partir daí, toda a sua vida académica.

Apresentou-se a provas de agregação em 1948, tendo como dissertação (necessária naquela época) a “Flora mesozóica portuguesa”, trabalho que lhe granjeou grande prestígio no meio científico europeu. Em 1950, após concurso de provas públicas, foi nomeado Professor Catedrático da mesma Universidade.

O Professor Carlos Teixeira faleceu em Lisboa, em 7 de Junho de 1982(1); neste dia extinguiu-se um dos mais versáteis geólogos portugueses, no dizer do Professor Orlando Ribeiro (1983, p. IX), *não apenas um Professor recentemente jubilado da Faculdade de Ciências de Lisboa, há muito diminuído pela doença e a cegueira, que não o impediram de trabalhar até ao fim,..... mas..... uma das raras grandes figuras da Ciência portuguesa.*

A Obra e a Personalidade

Após o “marasmo” que caracterizou a geologia portuguesa depois do desaparecimento da tríade de eminentes geólogos que foram Carlos Ribeiro, Nery Delgado e Paul Choffat (1920-1930), a **primeira fase do movimento de renovação dos estudos geológicos** iniciou-se na cidade do Porto, com a publicação, em 1931, da tese do Professor Carrington da Costa sobre o Paleozóico português. Para este movimento contribuíram, também, significativamente:

- a) a reforma empreendida em 1911 pelo Ministro Gustavo Cordeiro Ramos, que permitiu o desdobramento da licenciatura em Ciências Histórico-Naturais nas licenciaturas em Ciências Biológicas e Ciências Geológicas;
- b) no ensino secundário, a Geologia ter passado a constituir uma disciplina independente;
- c) o ressurgimento científico dos então Serviços Geológicos de Portugal, a partir de 1935, sob a Direcção do Engº António Quaresma Viana, que logo iniciou a publicação das cartas geológicas dos arredores de Lisboa, aproveitando trabalho executado ainda por Paul Choffat; assim, a folha de Cascais foi publicada nesse mesmo ano, tendo-se seguido as de Sintra (1937), de Loures (1944) e de Lisboa (1950).

(1) Todos lhe conhecíamos o desejo de ser sepultado no cemitério de Rossas, no meio dos granitos que tanto amava. A inexistência de declaração prévia do próprio nesse sentido, bem como a de familiar que pudesse oficialmente fazer o pedido, quase inviabilizou este desejo; foi apenas devido à intervenção do Prof. Britaldo Rodrigues junto do Dr. Menéres Pimentel, que este, então Ministro da Justiça, autorizou o pedido.



A influência de Carlos Teixeira vai fazer-se sentir a partir do início da **segunda fase deste movimento de renovação**, desenvolvida, a partir da segunda metade da década de 30, pela “**Escola do Porto**” (2) liderada pelo Professor Carrington da Costa, coadjuvado por Carlos Teixeira e João Coteló Neiva. Etapas fundamentais desta renovação foram a criação da Sociedade Geológica de Portugal em 1940, tendo os três constituído a primeira Direcção, com as funções de Presidente, Secretário e Tesoureiro, e a “migração” posterior de Carlos Teixeira e de Coteló Neiva para as Universidades de Lisboa e de Coimbra, onde foram acender a “chama” trazida do Porto e retomar a tradição do trabalho de campo nas respectivas especialidades. A obra de ambos acabou por ser *complementar em virtude das especialidades a que se dedicaram e ambos contribuem para o decisivo avanço na geologia de Portugal no após-guerra* (Ribeiro, 2001, p. 94).

A carreira científica de Carlos Teixeira iniciara-se, no entanto, sob a égide do Professor Mendes Corrêa; daí os seus primeiros escritos versarem a antropologia, a arqueologia, a pré-história, a etnografia. O primeiro trabalho, publicado em 1934 pela Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, versou sobre *Medicina e superstições populares de Vieira*.

No entanto, rapidamente, deixou-se seduzir pela Paleobotânica e pela geologia e paleontologia das formações carboníferas. Assim, apareceram, a partir de 1936-37, as primeiras publicações ligadas a estes temas:

- a) *Conceito de espécie. Critérios modernos*, no nº 3, do volume 1 da *Naturália* (1936-37), revista trimestral de divulgação da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais;
- a) *Lycopodiales do Antracólítico português*, no nº 6 do *Boletim do Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico da Faculdade de Ciências de Lisboa* (1937), onde assinala dois exemplares atribuídos a uma nova espécie fóssil de *Sigillaria* do Estefaniano de Valdeão (Valongo), não definida do ponto de vista específico.

Na introdução do nº 7-8 (1940) do *Boletim do Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico da Faculdade de Ciências de Lisboa*, o Professor Machado e Costa, Director do Museu, a propósito do trabalho de Remington Kellog, naturalista do United States National Museum (Washington, EUA), sobre

cetáceos do “Tortoniano” da península de Setúbal, refere com grande admiração o espírito moderno dos naturalistas do Museu Mineralógico e Geológico da Universidade do Porto (referência segura para Carrington da Costa, Carlos Teixeira e Coteló Neiva), bem como a sua *notável produtividade contrastando com a improdutividade confrangedorados que possam não ter evoluído* (Costa, 1938-1940, p. 4). O Professor Orlando Ribeiro refere-se, mais tarde, a *estes amigos e colegas portugueses como andarilhos infatigáveis, sempre bem dispostos, contadores de histórias para quem o repasto, sustentado pelo apetite da juventude, era uma hora de alegria e de reflexão* (Ribeiro, 1983, pp. IX-X).

Carlos Teixeira e Orlando Ribeiro conheceram-se em Paris, em 1939, onde este era leitor de Português na Sorbonne; a empatia entre os dois foi imediata, de tal modo que o geólogo e o geógrafo se entenderam e completaram, iniciando um profícuo período de colaborações multidisciplinares a que rapidamente aderiram, ainda em Paris, Georges Zbyszewski, Medeiros Gouveia, Leite Pinto, Vitorino Nemésio, Jorge Dias, Pierre Birot e mais tarde, em Lisboa, Décio Thadeu e Mariano Feio. A ligação particular entre geógrafos e geólogos, consolidada por amizades sólidas entre todos, levou-os a “dividir” o País e a atribuírem-se “títulos” – o “Sultão do Norte” (C. Teixeira), o “Paxá do Algarve” (M. Gouveia), o “Bei de Beja” (M. Feio), o “Aga-Cão da Beira” (para O. Ribeiro que trabalhava na altura sobre a geomorfologia e a vida rural da Beira Baixa) e o “Sátrapa do Sado” (G. Zbyszewski) que, em francês, traduziam por “Satrape sadique”.

É, ainda, O. Ribeiro (*Ibid.*, p. X) que conta que *na esplanada dum café revíamos as observações do dia, discutíamos bravamente os caminhos da interpretação, acentuávamo-los com vivacidade e eu (para alguma coisa era professor de uma Faculdade de Letras) ditava as primeiras notas publicadas em comum, lançando os fundamentos da visão moderna do Quaternário português*.

Foi, assim, a partir de Lisboa, que Carlos Teixeira desenvolveu, com enorme vigor e determinação, intensa actividade em prol da Geologia e em defesa da profissão de geólogo a partir de uma charneira como Professor universitário acumulou, em épocas não necessariamente coincidentes, funções de Colaborador dos Serviços Geológicos de Portugal (desde 1944), consultor e vogal da Junta de Energia Nuclear, vogal da Junta de Investigações Científicas do Ultramar (onde chefiou o Laboratório de Estudos Petrológicos e Paleontológicos e orientou a Brigada Geológica do Estado da Índia), membro da Comissão Nacional de Geografia, consultor sempre benévolo de várias instituições públicas.

Foi eleito académico correspondente da Academia de Ciências de Lisboa em 1952 e, oito anos depois,

(2) A primeira referência à chamada *Escola do Porto* parece ter sido feita por Hermann Lautensach; segundo J. C. Costa (1964, p. 5) na sua génese esteve a influência exercida pelo Prof. Mendes Corrêa, pelo ambiente criado, pelo interesse despertado nos alunos e colaboradores de um verdadeiro espírito científico, na altura arredo das nossas universidades.

académico efectivo da mesma Academia, por proposta assinada por Pereira Forjaz, Carrington da Costa e Vieira Natividade, tendo ocupado a cadeira nº 20 que pertencera ao seu Mestre e grande amigo Professor Mendes Corrêa; o discurso de recepção na Academia é pronunciado por Carrington da Costa em sessão plenária e pública de 24 de Maio de 1962 (Costa, 1964). A Academia instituiu, em Novembro de 1986, o Prémio Carlos Teixeira, com o objectivo de estimular os estudos geológicos em Portugal.

Em 1955 foi eleito sócio correspondente da Real Academia de Ciências Exactas, Físicas y Naturales de Madrid, como testemunho dos colegas espanhóis pela excelente colaboração que com eles desenvolveu, particularmente em regiões fronteiriças com Isidro Parga Pondal, Eduardo Hernandez-Pacheco, P. Hernandez Sampelayo e outros. Mais tarde, a partir dos anos 60, a sua acção foi fundamental na organização das reuniões de geologia do Noroeste e do Sudoeste Peninsular e na edição dos mapas do Maciço Hespérico destas regiões.

A grande ligação a colegas franceses, particularmente da Universidades de Lille e de Paris, levaram-no a desempenhar as funções de Vice-Presidente da Société Géologique de France, de que era sócio desde 1940.

Foi nomeado Director do Centro de Estudos de Geologia Pura e Aplicada da Faculdade de Ciências de Lisboa, criado em 1956 pelo Instituto de Alta Cultura; no Centro,.... *um dos mais prestigiosos e produtivos no desolador panorama científico nacional* (Ribeiro, 1983, p. XI), desenvolveu, impulsionou e dinamizou, com numerosos colaboradores, ampla e profícua actividade científica reunida em dez volumes.

A cobertura geológica do País conheceu, com Carlos Teixeira, um incremento novo, desconhecido desde os tempos áureos de Paul Choffat e de Nery Delgado. Tendo sido um paladino do trabalho de campo, incentivava os seus jovens assistentes e colaboradores na Universidade a participarem no esforço de cartografia geológica no País; ao mesmo tempo criava, no espírito dos estudantes de Lisboa o gosto pelo trabalho de campo e pela cartografia geológica, para os quais eram orientados, maioritariamente, os estágios finais dos estudantes da Licenciatura em Ciências Geológicas e, mais tarde, em Geologia. Infelizmente, nem sempre as notícias explicativas das cartas geológicas referem, com precisão, o trabalho feito pelos alunos; no entanto a sua consulta permite encontrar referências a mais de sessenta estágios deste tipo, de alunos de Lisboa (cartas, na escala 1/50 000, de Caminha, Portos, Nisa, Retorta, Ponte de S r, Cascais, Elvas, Évora, Moura, Mértola e Portimão) e do Porto (Cabeceiras de Basto, Guimarães) (Rocha, 2006, p. 91).

Todos lhe conhecíamos a posi o, que sempre defendeu e desenvolveu, de que *o estado de avanço de um País pode medir-se pela qualidade e extensão da cartografia geológica de que dispõe. O mesmo se pode afirmar quanto ao número de geol gos que possui, em rela o   superfície ou   superfície* (Teixeira, 1967, p. 12)

No conjunto, a sua participa o foi assinalável na publica o de 34 cartas geológicas (desde Valença até Marvão) na escala de 1/50 000 e respectivas notícias explicativas, muitas delas em colabora o com geol gos dos Serviços Geológicos de Portugal, da Junta de Energia Nuclear e das Universidades de Lisboa, do Porto, de Coimbra e de Aveiro; apenas Georges Zbyszewski o ultrapassou, ao participar na publica o de 45 cartas. Foi, também, responsável pela coordena o das cartas geológicas de Portugal na escala 1/1 000 000 (1972), edi o destinada essencialmente ao ensino(3) e na escala 1/500 000 (1972) (4) e pela direc o de duas importantes cartas, na mesma escala, a saber, a *Carte Géologique du Nord-Ouest de la Péninsule Ibérique (Hercynien et ante-Hercynien)* (1967), em colabora o com I. Parga Pondal, Ph. Matte, R. Capdevilla e J. R. Parga e o *Mapa Geológico do Maciço Hespérico do Sudoeste da Pen sula Ibérica*, com L. Garcia Figuerola.

Carlos Teixeira foi um perfeito conhecedor da geologia de todo o País e era, no campo, insensível às horas, ao frio e ao cansaço, ao calor e   chuva; todos lhe conhecemos a expressão *um geol go não   solúvel*. A este propósito, recordo um facto que não posso deixar de relatar; quando, no início dos anos 70, executava a cartografia do Algarve ocidental fui um dia, pela primeira vez   praia do Telheiro, onde me extasiei perante a bela discordância angular entre os Arenitos de Silves e os xistos e grauvaques do Carbonífero marinho. Dois dias depois, entrei no gabinete do Professor e perguntei-lhe, conhecendo previamente a resposta que ele me daria, qual era o melhor afloramento para ver esta discordância; pergunta natural de quem era, na altura, o seu continuador na regência da disciplina de Geologia de Portugal. Quando lhe mostrei as fotografias que trazia, o silêncio e a sua cara encheram-me de satisfa o..... estava a mostrar-lhe algo que ele não conhecia! De imediato mandou chamar o Sr. Joaquim Lopes, seu inseparável companheiro de muitos anos de trabalhos de campo e, no dia seguinte de manhã,

(3) Na carta não consta formalmente a coordena o aqui assumida; no entanto, C. Teixeira (1967, pp. 23-24) afirma que a carta resultou da colabora o entre os então Serviços Geológicos de Portugal e o Centro de Estudos de Geologia da FCL.

(4) Trata-se da 6  edi o, apresentada no 24  Congresso Geológico Internacional (Montreal, 1972); as cinco anteriores (Oliveira, 2008, pp. 50-52) foram publicadas entre 1876 e 1899 e ficaram a dever-se ao laborioso trabalho de Carlos Ribeiro, Nery Delgado e Paul Choffat. F. S. Carneiro (1980-81, p. 404), agradecendo a C. Teixeira ter sido o Coordenador daquela edi o, diz que ... *a seguir a Nery Delgado e Paul Choffat, que figuram na edi o anterior, não vi quem então mais merecesse essa honra e distin o.*



partiu para o Algarve! Era assim o Professor Teixeira.

A absorvente actividade no domínio das Geociências não se limitou ao território do Continente e ilhas atlânticas, antes alargou-se a S. Tomé e Príncipe, a Angola, a Moçambique, à Índia e a Timor. A projecção dada aos diferentes ramos das Ciências da Terra, no País e nas antigas colónias é, para mim, um dos aspectos mais salientes da obra de Carlos Teixeira e constitui uma resposta a compromisso assumido nos Estatutos originais (1940) da Sociedade Geológica de Portugal; aí se afirma que (Art. 2º)à *Sociedade interessam em particular os problemas relativos ao território português, continental, insular ou ultramarino*. Esta resposta começou a ser dada nos volumes II e III (1943-1945) do Boletim da Sociedade, iniciando-se, como se pode ler no Preâmbulo do volume II, pela..... *publicação de estudos de geologia colonial, primeiro contributo nosso, que prometemos continuar e desenvolver no futuro, para o conhecimento do vastíssimo Império que nos pertence*. Judite dos Santos Pereira, Carlos Teixeira, Coteló Neiva e Carrington da Costa respondem, nestes volumes, a este primeiro chamamento, com trabalhos sobre a geologia africana. Após a vinda para Lisboa assume a responsabilidade da publicação do Boletim, de que foi um verdadeiro “mecenas”, tendo, para isso,.....*generosamente sempre abertos os cordões da própria bolsa* (Ribeiro, 1983, p. X).

A *História breve do reconhecimento científico de Angola*, prefácio de volume comemorativo do bicentenário da Academia das Ciências de Lisboa, toca-me particularmente, dado que se refere à terra em que nasci. Escrito numa altura em que a doença já o minava inexoravelmente, é espantoso verificar a dimensão dos seus conhecimentos, que lhe permitiram apresentar uma muito densa e completa resenha dos trabalhos científicos ali realizados por especialistas portugueses e estrangeiros, desde o século XVIII, nos domínios das Geociências, da Prospecção Mineira, da Pedologia, da Geologia de Engenharia, da Arqueologia, da Botânica, da Zoologia, da Antropologia, da Fitopatologia, mesmo da Medicina. De assinalar o entusiasmo, quase paixão, com que enaltece o trabalho de outros, ex-alunos, geólogos, amigos, e a simplicidade que usa para referir a sua enorme participação no desenvolvimento da paleontologia angolana *por meu lado, tive ocasião de estudar e descrever alguns vegetais fósseis do “Karoo” da Lunda, do Cretácico de Zenza do Itombe, do Quaternário do Alto Quanza, bem como a fauna de peixes de Lutoa e da Lunda igualmente descrevi diversas espécies de branquiópodes das camadas do “Karoo” da Lunda e de Lutoa* (Teixeira, 1979, p. XLV).

No fim da vida nem todos os discípulos lhe aturaram o azedume e alguns, cuja promoção científica se lhe deve, afastaram-se ou levantaram-se contra ele. Inimigos não podia deixar de tê-los quem era impulsivo, autoritário e violento..... Alheio à política, aceitando como quase todos os que, acima de tudo, prezavam o desenvolvimento científico do País, um governo que só uma revolução poderia remover, sou para ele a hora do revés, quando esperava, talvez, a da redenção. O “seu” Centro,..... a sua “jóia da coroa”..... que amorosamente criara,..... e ao qual dedicou muito de si mesmo e todo o seu tempo livre, foi extinto, e deu-se a quem o criou e impulsionou por trinta anos a maior distinção – a do esquecimento). Duro golpe..... que..... profundamente lhe doeu como injustiça à sua honrada e laboriosa carreira de investigador e de professor (Ribeiro, 1983, p. XI), e tanto mais duro quanto já o minavam as horas amargas da doença e da cegueira, trágicas para quem foi, sobretudo, um excelente observador dotado de rara memória visual, um infatigável geólogo de campo, um verdadeiro naturalista ao modo clássico, o reverso dos geólogos de gabinete.

Todos conhecem a extensão da valiosa obra que nos legou e que compreende cerca de 500 trabalhos publicados⁽⁵⁾, particularmente no âmbito da Paleobotânica, da Geologia de Portugal, da Paleozoologia, da Cartografia Geológica, da Estratigrafia..... e dezenas de artigos em jornais de todo o País. Sem dúvida a multifacetada abrangência do seu saber, baseada em formação pluridisciplinar, muito contribuíram para a sua estatura como geólogo; por exemplo, os conhecimentos botânicos foram fundamentais para a obra sobre a flora mesozóica que, à época, foi uma contribuição de grande relevo a nível europeu.

Contribuí, também, para a defesa e o enriquecimento da língua portuguesa ao introduzir terminologia adequada a diversos fenómenos geológicos, ao publicar seis volumes do Vocabulário de Termos Geológicos (letras A-B, D-G) e ao divulgar e promover extenso vocabulário das Ciências da Terra na Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura. Além disso, promoveu a publicação de traduções portuguesas de importantes estudos de autores estrangeiros (Gagel, Kaiser, Kraatz-Koschlau & Hackmann, Pratsch....) sobre a geologia portuguesa. De assinalar, igualmente, alguns dos seus principais trabalhos de natureza pedagógica ou pedagógico-científica:

XXXXX

(5) A listagem mais completa destes trabalhos pode ser consultada in F. Gonçalves (1996).

- *Notas sobre Geologia de Portugal. Vol. I – Formações ante-mesozóicas* (1953-55) (compreende seis fascículos, intitulados: O complexo cristalofílico antigo, O Sistema Câmbrico, O complexo xistograuváquico, ante-ordoviciano, O Sistema Silúrico(6), O Sistema Devónico e o Sistema Permo-Carbónico), edição do autor. A reformulação e actualização destes textos foram compilados na *Geologia de Portugal, vol. I – Precâmbrico, Paleozóico* (1981), edição da Fundação Calouste Gulbenkian.

- *Lexique Stratigraphique International, Vol. I – Europe* (Dir. de P. Pruvost), Fasc. 10b – *Portugal* (1958) (em colaboração com F. Moitinho de Almeida, R. Mouterde, Ch. Perrot, D. Thadeu & G. Zbyszewski), edição do CNRS (França).

- *A evolução do território português no decurso dos tempos geológicos* (1966), publicado na revista *Palestra*.

- *A Paleontologia e a origem do Homem* (1967), edição do autor.

- *Quadro das divisões estratigráficas e das fases orogénicas* (1964, 1970), edições do CEGFCL (IAC).

- *Introdução à Paleobotânica. As grandes fases da evolução dos vegetais* (1976) (em colaboração com J. Pais), edição dos autores.

- *Quadro de unidades estratigráficas e da estratigrafia portuguesa* (1979) (em colaboração com J. Pais e R. B. Rocha), edição do INIC.

- *Introdução à Geologia de Portugal* (1980) (em colaboração com F. Gonçalves), edição do INIC.

Como Professor cuidou sempre devotadamente da preparação científica e profissional de alunos e colaboradores, acompanhando e fomentando as suas especializações, orientando-os para diversos sectores da Geologia. Uma palavra é aqui devida, igualmente, ao empenho posto na reinserção na actividade profissional de inúmeros geólogos regressados das ex-colónias.

Os alunos conheciam-lhe o hábito, nos exames orais de Geologia de Portugal, das perguntas sobre a geologia da região de cada um. Por isso, algumas vezes lhe ouvíamos o desabafo *Hoje eram todos de Sintra!* ou *Parece que só temos alunos de Lisboa!* Mas, nem assim, as respostas dos alunos eram muitas vezes satisfatórias o que justificava, amiúde, o seu desalento, *mas o Senhor parece que nunca esteve em Évora* ou Beja, ou noutro lado qualquer, que não fosse Lisboa, Sintra ou Cascais!

Coisa rara entre nós, se amava e procurava o prestígio científico, Carlos Teixeira nunca se preocupou com posições lucrativas ou de prestígio pessoal e quantas vezes generosamente ajudou,

a expensas próprias, colaboradores e antigos alunos que sabia encontrarem-se em situações difíceis. E mesmo com aqueles com quem tinha altos e baixos nas relações profissionais e humanas, não se coibia de mostrar, nas horas difíceis, o seu apoio e solidariedade; a este propósito é elucidativo o que disse a António Ribeiro em plena crise académica de 1968 – *Sei que você anda a dormir algumas vezes fora de casa, a minha porta estará sempre aberta* (Ribeiro, 2001, p. 95).

A projecção dada aos diferentes ramos das Ciências da Terra, tanto no País como nas antigas colónias, o incentivo que incutiu em todos os geólogos, ex-alunos ou não, que encontrava ou descobria nos mais recônditos lugares, o apoio de ordem científica e moral que lhes prodigalizava, a *auto-estimulada dedicação monástica à sua profissão* (Ribeiro, 2001, p. 95), foram das facetas mais marcantes da personalidade de Carlos Teixeira, que fazem dele *referência merecedora de todo o respeito, carinho e profunda admiração* (Rocha & Kullberg, 2004, p. 39); ele amou e serviu o Ensino, a Ciência e a Geologia e prestigiou a Universidade e o País.

O Professor Carlos Teixeira foi, sem dúvida, uma figura singular como Geólogo, Professor e Académico. Tendo em consideração a dimensão e originalidade da sua obra científica penso podermos considerá-lo como o **Carlos Ribeiro do século XX**.

Este texto, com algumas pequenas modificações, corresponde ao publicado no Volume XXV do Boletim da Sociedade Geológica de Portugal (2009), de "Homenagem aos Fundadores e Primeiros Sócios da Sociedade" (reprodução autorizada pela Direcção da SGP)

(6) Inclui as formações ordovícicas.



ANEXO

Taxa dedicados ao Professor Carlos Teixeira

- a subfamília *Teixeiriinae** NOVOZHILOV 1958
- os géneros *Teixeirapollenites* PARDUTZ, JUHASZ, DINIZ & KEDVES 1974
Teixeiraea von BALTHAZAR, PEDERSON & FRIIS 2005
*Teixeirium** NOVOZHILOV 1958
- as espécies *Ischyosporites teixeirae* PAIS & REYRE 1980-81
Frenelopsis teixeirae ALVIN & PAIS 1978
Protopodocarpoxyylon teixeirae BOUREAU 1957
Dadoxylon (Araucarioxylon) teixeirae BOUREAU 1949
Australoxylon teixeirae MARGUERIER 1973
Annoxylon teixeirae PAIS 1973
Leguminoxylon teixeirae VALLIN 1966,
Anacostia teixeirae FRIIS, CRANE & PEDERSON 1997
Monograptus teixeirai ROMARIZ 1962
Nucleolites teixeirai REY 1972
Faujasia (Domechinus) teixeirai (GONÇALVES, 1965)
Metrarabdotos (M.) teixeirai BUGÉ & CARVALHO 1963
Cymatonautilus teixeirai TINTANT 1980-81
Angolaites teixeirae COLLIGNON 1979
Anisoceras teixeirae COLLIGNON 1979
Pelamys teixeirae JONET 1978

*Estas designações taxonómicas foram posteriormente rejeitadas porque os indivíduos usados para a definição da espécie-tipo do género são, provavelmente, pelecípodes e não malacostráceos (Moore, 1969).

Bibliografia

- Carneiro F. Soares (1980-81) – Com um apertado abraço ao Professor Carlos Teixeira. *Bol. Soc. Geológica Portugal*, vol. XXII, pp. 403-404.
- Costa A. A. O. Machado e (1938-40) – Prosseguindo. *Boletim Museu Lab. Mineral. Geológico Fac. Ciências Lisboa*, nº 7-8, pp. 3-5.
- Costa J. Carrington da (1964) – Discurso de recepção do académico de número Sr. Carlos Teixeira. *Mem. Academia Ciência Lisboa*, t. IX, pp. 3-11.
- Gonçalves F. A. (1976) – *Carlos Teixeira. Notícia bio-bibliográfica. O Pedagogo. O Cientista*. Ed. Livr. Cruz, Braga, 60 p.
- (1992) – *Subsídios para a história da Geologia em Portugal, desde 1900 a 1982. In História e Desenvolvimento da Ciência em Portugal no Século XX*, vol. II. Publ. II Centenário Acad. Ciências Lisboa, pp. 967-1002.
- (1996) – *Carlos Teixeira. O Homem e a obra. In Jubilação do Prof. Francisco Gonçalves*, Ed. Univ. de Évora, 13-54.
- Moore R. C. (Ed.) (1969) – *Treatise on Invertebrate Paleontology. Part R, Arthropoda 4 (1)*. Geological Soc. America and Univ. Kansas, Lawrence.
- Oliveira J. T. (2008) – Nery Delgado: pioneiro da Cartografia Geológica dos terrenos paleozóicos de Portugal. *In Ramalho M. M. (Coord.), Nery Delgado (1835-1908), Geólogo do Reino*. Museu Geológico, INETI & Centro História Filosofia Ciência-FCTUNL, pp. 47-61.
- Ribeiro A. (2001) – *Carlos Teixeira (1910-1982). O renascimento da Geologia de Campo no século XX. In Memórias de Professores Cientistas*, Ed. Faculdade de Ciências de Lisboa, pp. 90-95.
- Ribeiro O. (1983) – A personalidade de Carlos Teixeira. *Boletim Soc. Geológica Portugal*, Lisboa, vol. XXII (1980-81), pp. IX-XII.
- Rocha R. B. (1995) – A Vida e Obra de Carlos Teixeira. 4º Congresso Nac. Geologia, Porto, Conferência inédita.
- (2006) – O ensino da Cartografia Geológica nas Licenciaturas. *In Costa, C. N. (Ed.), Conferência Regional Cartografia geológica aplicada a áreas urbanas. O caso da Área Metropolitana de Lisboa*, pp. 90-99, 3 fig.
- Rocha R. B. & Kullberg J. C. (2004) – *A Geologia na toponímia e na história da cidade de Lisboa. In 4ª Jornadas Toponímia da cidade de Lisboa*, 2001, Ed. Câmara Municipal Lisboa, pp. 29-50.
- Teixeira C. (1944) – Curriculum vitae. *Ed. autor*, Porto, 15 p.
- (1948) - Curriculum vitae. *Ed. autor*, Lisboa, 15 p.
- (1979) - História breve do reconhecimento científico de Angola. *In Reconhecimento científico de Angola – Estudos de Geologia, de Paleontologia e de Micologia*. Publ. II Centenário Acad. Ciências Lisboa, pp. VII-LII.

Rogério Bordalo da Rocha
Professor do Dep. Ciências da Terra e CICEGE,
FCT/UNL; rbr@fct.unl.pt
Presidente da Sociedade Geológica de Portugal
Lisboa



Nunc est bibendum

(Horácio, Odes, XXXI, I)



Integramos o grupo de pessoas que não tiveram o privilégio de conhecer pessoalmente o Prof. Dr. Carlos Teixeira, o *doutor do rio*, por ter na margem esquerda do rio Ave, uma casa de família que herdou, em São Pedro, um dos muitos lugares que fazem parte da grandiosa e mui vetusta vila de Rossas, concelho de Vieira

do Minho.

A primeira pessoa a falar-nos dele foi um parente comum que o conheceu na sua singularidade, já lá vai meio século, e a percepção que ficou desta conversa foi de que ainda havia roupa a secar nas cordas. O trato da abordagem esteve ao nível das circunstâncias: era um destacado professor universitário e o senhor seu pai, o padre Cândido, natural de Aboim. O que podia ser eventualmente desagradável para ambos, duas figuras com visibilidade social, era saberem que andavam nas bocas do mundo, por motivos frívolos, de uma moral que convivia melhor com o “pecado” do que com a consciência deste.

A mãe de Carlos Teixeira era Joaquina Teixeira de Magalhães, irmã do padre José Teixeira, ambos naturais de Rossas, sendo que este paroquiava aquela freguesia de Santa Maria de Aboim, na altura do caso. Fazer um filho à irmã do senhor abade era obra, mas feita por um camarada de ofício, era desonra e vitupério.

Os dois sacerdotes altercaram como lhes convinha, travaram-se de razões e, por pouco, o céu não se turvou de sotaina. Valeu-lhes a projecção astral: o

Luzeiro da manhã e a exaltação de Saturno, em detrimento de Marte. Também é de considerar o facto de os dois clérigos maiores se encontrarem sob a alçada de D. Manuel Baptista da Cunha, arcebispo de Braga, que não tardaria em sacudir a pedra da alpergata para lá dos limites da vista, nunca do coração, que só Deus sabe a verdade e o destino de cada um.



Fachada da igreja paroquial de Aboim
Por esta porta entrou e saiu...
Quem a terra amou

Num ambiente montanhoso e isolado, virar as costas ao local do melindre, para remir uma situação hierarquicamente embaraçosa e socialmente desgastante, era meio caminho andado. O tempo encarregar-se-ia de fazer o resto da caminhada. Pelos vistos, não o conseguiu totalmente, mas também é certo que essa circunstância nunca prefigurou um estigma, nem desmoralizou, no quer que fosse, o percurso de vida de que nos ocupamos.

O menino foi baptizado em Aboim, no dia seguinte ao do nascimento, servindo de madrinha a avó materna, Ana Gonçalves Costa, viúva de António Teixeira de Magalhães e ainda foi o tio quem o baptizou. Mais adiante, o padre José Teixeira aparece no terreiro de Redondelo, Chaves, bem para lá do Barroso, onde as tradições e a fé, “*saltem barrosanis*”, eram igualmente duma compostura irrepreensível.

Seja como for, a Dona Joaquina não teve outro remédio que não fosse cuidar do filho, o melhor que pudesse, e fê-lo com extremo carinho. A educação foi-lhe dada com esmero, e o tio padre acompanhou-o na leitura e nos deveres que trazia para casa. Fez a instrução primária na escola de Casas Novas, Redondelo, Chaves, num belo edifício inaugurado em 1904, muito bem conservado, feito de granito; o soalho, de madeira; e a cobertura, de madeira e telha; com duas salas cheias de luz: uma para meninas e outra para meninos, correspondendo a cada uma, um recreio também dividido; no sótão, dois quartos com anexos, para os professores que viessem de fora. O professor primário de Carlos Teixeira foi o Senhor João Alberto Marques Pereira que exerceu lá, como efectivo, durante trinta e dois anos, e chegava a conhecer os seus alunos à distância, só pela caligrafia de cada um.



João Alberto Marques Pereira

O centésimo aniversário natalício do Prof. Carlos Teixeira que hoje se cumpre, é uma oportunidade irrecusável para parar, pensar e pôr os escaninhos da memória ao léu, recordando um “*raro ideal de vida*” que dá para ensinar, aprender e servir de exemplo. Fazê-lo ou não, à guisa de Horácio, é uma concessão ao proveito pessoal, somenos importante, sem deixar de ser um brinde à sempre airosa e soalheira freguesia de Aboim, terra natal do aniversariante, onde “*labor omnia vincit*” e a Primavera incrusta esmeraldas de verde carvalho, rouçando os povoados dispersos, os lameiros e os campos, pelas vertentes, até ao ribeiro de Várzea Cova ou às águas frescas e cristalinas do rio Ave, ali em Rossas.



Algures, num triz da cumeada, as águas pluviais vão optando pelo Ave até Vila do Conde ou, pelo Tâmega e pelo Douro, até ao Porto. Não há que enganar! E lá se vão, no córrego em quebrada, as que tocam moinhos, lavam roupas, irrigam terras e aguentam bebedouros; e as que, no devaneio, se deixaram deter pelos cântaros das raparigas puxam o pão, cozem os alimentos, refrescam os corpos, amolecem os calos, vigiam o fogo e levam a tranquilidade aos lares. Portas fora, a solidariedade à volta dos valores instrumentais e da consciência das dificuldades em amanhar o pão que, antes de o ser, foi maquia de moleiros, desobriga de cristãos, palha de gados e estrume das terras, um nunca acabar de afazeres que a sabedoria dos mais velhos recomendou à energia dos mais novos.

A percepção destes tempos e destes modos não pode perder-se na lembrança do que foi, nem no encómio da tranquilidade dos campos, base do engrandecimento de qualquer terra e fonte das suas energias, mas obriga a dar o salto para realidades tangíveis que acrescentem algum valor ao encontrado, de maneira consistente e continuada, à laia de quem embarca, levando consigo as características da terra que deixou, a vontade férrea de trabalhar, de vencer e pouco mais.

Estudar é também um pouco assim. O estudo organiza, instrui, socializa, entretém, esclarece, liberta e é critério de triagem no mercado de trabalho.

Frequentar as aulas é preciso: estar atento, fazer



D. Ermelinda Augusta Rodrigues (esq.), colega escolar e D. Luisa Cândida Vilhena (dir.) prima de João Alberto M. Pereira

perguntas, registar as respostas para aprender, saber e mobilizar o saber, tirar boas notas, ficar bem nos exames, progredir nos estudos e ser alguém na vida. Sem saber ler, escrever e

contar, ó gente da nossa terra, não há consciência que resista, não há democracia que aguarde, nem se vai a lado nenhum. Sabe isto quem está (eve) ligado ao ramo e não só. Se Deus, nos seus tempos livres, limpasse varinhas de bétula, para despertar os tímpanos de quem, sem dar por isso, alija responsabilidades no âmbito da educação e da instrução das novas gerações, seria de pasmar não haver ninguém com as orelhas a arder!

“Filho de uma deusa, para onde os fados nos atirarem, sigamo-los” – Eneias (V. 709).

Haja o que houver, a sorte é suportável, fazendo por ela.

Carlos Teixeira nasceu aqui e é um símbolo do apego e do amor à terra, para gáudio de todos nós:

“O Minhoto é, em geral, saudável mas, mesmo doente, enquanto se pode arrastar, trabalha e labuta, sacrificando por vezes, a sua vida ao amanho difícil dos seus campos ou às necessidades do seu gado, as vaquinhas mansas, companheiras queridas de trabalhos e canseiras. Ora na faina dos sachos, aguentando o calor de Junho e Julho que lhe queima a pele, o inunda de suor e cobre de pó asfixiante, ora carregando às costas pesados molhos e cestos de erva escorrendo água que encharca e lhe entra pela cabeça para lhe sair aos pés. Ora no rigor do inverno aguentando o trabalho da poda, encarrapitado nas uveiras, ou de enxada em punho, cortando no monte o mato que lhe há-de dar estrume e forrar as cortes, ora em Agosto, descalço, correndo entre o milho para melhor aproveitar a água fecundante e límpida que bem longe foi buscar, o minhoto nem tempo tem para pensar na sua saúde. Não se pode pois dizer que foi desleixado.

O trabalho deu-lhe a alegria que o caracteriza; a alegria deu-lhe saúde e força; e estas, a persistência, a vontade férrea que vence todos os obstáculos, salta todas as dificuldades.

Enquanto pode, resiste; o médico só em último caso é chamado à pressa.”

TEIXEIRA, Carlos - *Medicina e Superstições Populares de Vieira*, 1934, pp. 1-2.

Os tempos difíceis, comuns a todo o mundo rural, deram-lhe a têmpera exacta para as lutas da vida. Daí, o sentido orientador, a persistência no trabalho e a diligência em fazer tudo certo. Nos estudos secundários (1922-1929), em Chaves e em Braga, teve quase sempre boas notas. Quando terminou o Liceu, optou pela licenciatura em Ciências Histórico-Naturais, por ser de quatro anos, enquanto que a de Medicina era de seis e não havia dinheiro para aguentar tanto tempo. Mesmo assim, trabalhou em colégios particulares, em regime de *part-time*, para custear as despesas do curso (1929-1933) que terminou com quinze valores. Também fez, na Faculdade de Ciências, as cadeiras de Geografia, Matemática e Desenho Topográfico.

Na Faculdade, passou por mão de mestres que o marcaram no bom sentido: Prof. Américo Pires de Lima, Prof. Augusto Nobre, Prof. Gonçalo Sampaio, Prof. Mendes Corrêa, Prof. Mendonça Monteiro, Prof. Paulo Ferreira e Prof. Sousa Pinto.

Gonçalo de Sampaio (1865-1937), botânico de

excelência e musicólogo, natural da Póvoa de Lanhoso, com quem teve sempre as mais altas classificações, deu-lhe as bases para a Paleobotânica.

Mendes Corrêa (1888-1960), jornalista, conferencista e organizador do Museu e Laboratório de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, professor ordinário de Geografia e Etnologia e promovido a Professor Catedrático daquela Faculdade, ensinou Carlos Teixeira a trabalhar em Arqueologia.

O assistente Rui de Serpa Pinto (1907-1933), matemático, engenheiro e geólogo, orientou Carlos Teixeira nas excursões de campo.

A 17 de Março de 1934, foi nomeado assistente extraordinário do 2º grupo (Botânica), da 3ª secção, da Faculdade de Ciências do Porto, enquanto se preparava para professor liceal, no internato do Liceu Sá de Miranda, em Braga, onde dava aulas e explicações. Matriculou-se em Ciências Pedagógicas, em Coimbra, que concluiu com êxito.

A 6 de Janeiro de 1937, foi convidado pelo Prof. Rosas da Silva para Naturalista do Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, nomeado definitivamente naquele lugar a 21 de Fevereiro de 1942, depois da vaga deixada pelo Prof. Carrington da Costa. Ali se conservou até 1946. A primeira actividade que o absorveu completamente, foi fazer verbetes de fósseis, empreitada desoladora de que se saiu airoosamente.

Numa visita de estudo, à região de Valongo, com Amílcar Mateus e Arnaldo Rozeira, ambos colegas de curso, tendo observado, no trajecto, o terreno da pequena mina de carvão de Valdeão, encontraram e recolheram diversos fósseis vegetais, entre eles, um belo exemplar de conífera que Carlos Teixeira identificou no laboratório, com a ajuda de Carrington da Costa, como *Walchia pinniformis*.

Voltou ao mesmo local várias vezes e voltou a encontrar e a recolher novos fósseis, não só aqui, como na sequência do mesmo afloramento. A inventariação da flora límnic e da flora fóssil, primeiro em Valdeão, S. Pedro da Cova, Germunde e Pejão; e depois, em Laundos, Alvarelhos e Everdosa, despertou em Carlos Teixeira o interesse pela flora fóssil do Carbonífero e o conhecimento da Geologia e Paleontologia dos terrenos Paleozóicos.

As sondagens efectuadas pelo Fundo de Fomento Mineiro, em S. Pedro da Cova, e a anterior descoberta, em Valdeão, de camadas extremamente ricas em fósseis de insectos do Carbónico, os primeiros encontrados em Portugal, trabalhos que não pôde explorar completamente, por contar apenas consigo próprio e, às vezes, com um auxiliar, foram a razão de se candidatar a uma bolsa de estudo, do Instituto de

Alta Cultura (IAC), para estagiar no Instituto Geológico da Universidade de Lille, no Laboratório de Paleobotânica, com os Professores: Paul Bertrand, Pierre Prouvost e Paul Corsin.

A bolsa foi-lhe concedida, por despacho de 18 de Junho de 1938, e no Outono desse ano, tomou o comboio para a Bélgica, com as malas carregadas de fósseis, sujeito aos imponderáveis da guerra civil em Espanha. Em Lille, conseguiu realizar todos os trabalhos, antes de acabar o prazo, e então decidiu passar por Paris, centro de um Instituto de Estudos Portugueses e Brasileiros, onde se leccionava a Língua e a Literatura Portuguesa e Brasileira. Aqui, encontrou Orlando Ribeiro, leitor de Português na Sorbone, com quem veio a trabalhar depois, em Portugal.

Quando regressou de Paris, continuou com a bolsa do IAC e publicou várias notas sobre vegetais e insectos do Carbónico dos arredores do Porto e não só:

- *Subsídios para o conhecimento da flora fóssil do antracólítico nortenho*, 1938.
- *O Antracólítico do Norte de Portugal. Novos elementos para a sua classificação*, 1938.
- *Sobre a flora fóssil do carbónico alentejano*, 1938-1940.
- *Contribuição para o estudo do Estefaniano dos arredores do Porto*, 1939.
- *Mariopteris do Carbonífero Português*, 1939.
- *Algumas notas sobre Pecopteris feminaeformis Schloch do Antracólítico Português*, 1939.
- *Sobre o Sphenoplylum Costae Stuzel do Carbonífero Português*, 1939.
- *Sur les Végétaux flottés du Carbonifere du Sul de Portugal*, 1942.
- *Papel das Coníferas no povoamento florestal de Portugal no Terciário e no Quaternário antigo*, 1943.

Co-fundador, no Porto, da Sociedade Geológica de Portugal, 1940, manteve-a a expensas suas até 1978. Só até este ano, foram publicados vinte volumes do seu boletim que permutou com outras publicações congéneres. O acumular de materiais, a partir das observações do terreno, permitiu-lhe realizar estudos de revisão e visitar outros locais interessantes, para a compreensão dos aspectos mais complexos da Geologia Portuguesa.

A sua nomeação, para colaborador dos Serviços Geológicos de Portugal, a 8 de Novembro de 1944, e depois para consultor, no domínio da Geologia, da Junta de Energia Nuclear, facilitou-lhe o reconhecimento geológico e a cartografia de áreas extensas do Maciço Hispérico.



Por conselho do Prof. Carrington da Costa, apresentou, em 1944, *O Antracólítico Continental Português*, tema de dissertação de doutoramento, na Universidade do Porto, tendo prestado provas, no ano seguinte, em que foi aprovado por unanimidade do júri. A amizade do Prof. Carrington da Costa valeu-lhe a inimizade do Prof. Rosas da Silva e, tendo aquele proposto, em Conselho, que lhe fosse dada a regência



Casa onde viveu na cidade de Lisboa

da cadeira de Paleontologia, a bola preta deste levou Carlos Teixeira a concluir que ali, na Faculdade, estava a mais e, como tal, havia que abandonar o Porto. Esta atitude não foi um clamoroso êxodo, nem o impediu de reconhecer que, se não fosse o convite do Prof. Rosas da Silva para naturalista do Museu, provavelmente teria enveredado pela Botânica ou pela Arqueologia, em vez das Geociências.

Fosse como fosse, a autoestima, a convicção do próprio valor e das suas potencialidades não se coadunavam com atitudes excessivas, tomadas exclusivamente pela posição que se ocupava na Faculdade. Se o senhor da bola preta não se fiava nas pessoas que acreditavam nele, por que carga de água é que estas haviam de se fiar no senhor da bola preta? Quem não se sente, não é boa gente. E toca a fazer as malas e embarcar para Lisboa. Foi um golpe de mestre!

Carrington da Costa, por sua vez, definiu assim o nosso conterrâneo:

“... alma nobilíssima, de forte personalidade, tão senhor da sua palavra, tão sincero, tão duro talvez quando convicto da sua razão, mas sempre actuando com a maior lealdade amigo seguro e reconhecido ao máximo, capaz de todas as dedicações, de todas as renúncias. De fecunda actividade, de persistência pouco vulgar, dotado da força de vontade que nenhuma dificuldade quebranta, para ele nunca contam os sacrifícios pessoais de qualquer ordem”.

GONÇALVES, Francisco – *Notícia bio-bibliográfica sobre Carlos Teixeira (1910-1982)*, pp. 85.

Em 1946, foi contratado como 1º assistente do 1º grupo da 3ª secção (Mineralogia e Geologia) da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa,

tendo sido encarregado de reger as cadeiras de Geologia e Paleontologia.

A 5 de Maio de 1947, foi nomeado colaborador da Comissão Nacional de Geografia.

Em 1948, realizou provas de agregação, com a obra: *Flora Mesozóica Portuguesa*.

Em 1950, após concurso de provas públicas, foi nomeado professor catedrático da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

Em 1956 é nomeado Director do Centro de Estudos de Geologia Pura e Aplicada, criada na Faculdade de Ciências, pelo IAC, para onde ia trabalhar fora de horas, sempre que podia, aos Sábados e Domingos. Era o “seu” Centro que amorosamente criara e que publicou dez volumes, até 1975, altura da sua inexplicável extinção.

A 15 de Dezembro de 1960, é nomeado sócio efectivo, cadeira n.º 20, da Academia de Ciências de Lisboa, sucedendo assim ao seu Prof. Mendes Corrêa.

Das obras de Carlos Teixeira salientamos ainda:

- *O Conceito de Espécie*, 1937.
- *Panorama da Geologia no âmbito do Ensino e da Investigação Científica*, 1967.
- *A Paleontologia e a Origem do Homem*, 1967.
- *Introdução à Geologia de Portugal*, 1980.
- *A Geologia de Portugal*, 1981.

Era um autêntico andarilho. Insensível à fadiga e ao conforto, era o desconforto dos colaboradores que prezavam o descanso no fim-de-semana. Nos feriados e fins de semana, ele levantava-se cedo, saltava para o terreno, com a máquina fotográfica, o martelo de geólogo, a coragem e a esperança de confirmar alguma ideia, rectificar alguma dúvida ou descobrir algo de novo, quase sempre rodeado de colaboradores interessados na matéria. Excelente observador, com rara memória visual, ninguém o viu registar ou consultar cadernos de campo. *“Ainda os colaboradores se esfalfavam numa encosta e já o homem soltava lá do cimo um chiste e uma gargalhada triunfante”.* Quem o diz é Orlando Ribeiro. *“Para ele não havia horas para o trabalho e horas para o descanso. Era robusto de corpo e de alma. Comia e bebia bem, mas era-lhe indiferente a hora das refeições”.*

A escola dos geólogos era constituída por jovens, sempre bem dispostos, contadores de histórias, para quem o repasto, almejado por um apetite devorador, era sempre um espaço de alegria e reflexão. Na esplanada dum café, faziam-se as revisões do dia e discutiam-se com vivacidade os caminhos da interpretação.

Dentre muitos que recordam Carlos Teixeira, reconhecendo nele a personalidade, o método de trabalho e o mérito de, com a sua produção científica,

ter balizado a Geologia em Portugal, no Século XX, destacamos Orlando Ribeiro para quem, antes dele, o panorama das Ciências Geológicas era desolador e, com ele, “Portugal voltou a fazer boa figura entre os estados mediterrânicos da Europa”. A ele lhe ficou a dever uma das bases da compreensão da nossa Geografia – a vida rural minhota:

“Carlos Teixeira era um «lavrador» do Minho (no sentido local de modesto proprietário), tão enraizado no terrunho como as cepas do vinho verde que tanto apreciava.”

RIBEIRO, Orlando – *A Personalidade de Carlos Teixeira*, Boletim da Sociedade Geológica de Portugal, Vol. XXII, Lisboa 1980- 1981, pp. IX-X.



O autor do texto com a Profª Doutora Helena Canilho

Certo dia, estando de viagem para Rossas, ao passarem em Aboim, a Profª. Doutora Maria Helena Canilho e o Professor Carlos Teixeira apearam e entraram numa taberna onde lhes foi servido vinho verde tinto, numa daquelas canecas brancas, com asa e paredes grossas, que os “especialistas”, para celebrarem, adejavam em manifesto ritual. Se ele

gostava da sua região, das suas gentes, dos seus produtos e até dos seus animais! Era, de facto, um Minhoto de gema, homem do povo, amigo do seu amigo e das terras que o viram nascer, crescer e trabalhar.

Quando foi criado o *Musée de l'Homme*, em Paris, em 1937, já era consensual que não há caminhos sem caminhar e há que andar e aprender nos caminhos que se trilham.

Ciente de que a pré-História é o átrio da História e o último capítulo da Geologia, espécie de ciência regional que coexiste com a Antropologia, usando o mesmo método estratigráfico, Carlos Teixeira confessou, nas suas memórias, que gostaria de ter feito o inventário dos castros do Minho e a história deste território até à chegada dos Romanos. Esta, a linha orientadora inicial.

Em Braga, enquanto leccionava no Sá de Miranda, nas horas livres, dedicou-se à exploração do castro Máximo, por detrás do Liceu, que descreve em: *Subsídios para o estudo da Arqueologia Bracarense: I – o Monte Castro, 1936; II – Lucernas, 1938.*

Com Mendes Corrêa estudou o castro da Póvoa de Lanhoso e escreveu: *Notas arqueológicas sobre o*

Castro de Lanhoso, 1939; Os torques do Castro de Lanhoso, 1939; Póvoa de Lanhoso. A indústria de filigranas, 1939; e O Castro de Lanhoso e o seu espólio, 1940.

Estes trabalhos têm a virtude de, não sendo muitos extensos, mostrarem um pensamento bem arrumado e um texto legível que serve os interesses da linha orientadora referida e da divulgação cultural. O mesmo se pode dizer em relação aos seguintes:

- *Molde de fundição para machados de bronze de duplo anel, 1939.*

- *Por terras de Vieira: I – O Pelourinho de Rossas; II – As sepulturas abertas em rocha, de Ruivães, 1940.*

- *A lenda e as ruínas da «Calcedónia» na serra do Gerez, 1946.*

- *Ruínas e povoados antigos na serra da Cabreira, 1947.*

Na Lusitânia, exceptuando as éguas que concebiam por *Zéfiro*, as comunidades viviam a rotina da subsistência, com as lidas da caça, da pesca, da apicultura, do pastoreio, da agricultura, da pecuária, da extracção mineira, dos assaltos, das pilhagens e das maltesias intestinas. Os Cartagineses eram os principais beneficiários dos recursos peninsulares, em detrimento dos Romanos que os cobiçavam de igual modo. Então, as Legiões de Roma entraram, combateram os Cartagineses e, vencendo-os, acordaram com eles o fim da segunda guerra púnica (201 a. C.), ficando em contrapartida, com o território da *Ibéria* sob a sua protecção. Os anos foram passando sem que fossem capazes de impor a sua autoridade a todo o território. Mais tarde, César Augusto, logo que o conseguiu, pacificou o território e deu a *Bracara* o título de *Augusta*, muito bem recebido pelas elites locais, porque lhes conferia o estatuto de *Conventus Juridicus*. Esta prerrogativa contribuiu para o desenvolvimento urbanístico da cidade, para formatar o território, modelar o estilo de vida das populações e dar segurança à sua mobilidade, fosse a terrestre, fosse a marítima, acelerando o desenvolvimento económico e cultural que motivou Diocleciano a colocar *Bracara* na categoria de capital da *Gallaecia*, parte Noroeste da *Hispania* ou *Hispéria*, o *Finisterrae* nortenho, do Rio Douro ao Mar Cantábrico.

Ao tempo da conquista romana, os povos da *Hispania* foram esquecendo a religião primitiva e aderindo ao politeísmo dos invasores. Estes encontraram tantas divindades, tantas crenças e tantos cultos que foi necessário substituir algumas delas e implantar novos cultos. O Cristianismo também entrou neste terreno, usando as mesmas estruturas do Império e também se confrontou com esta decadência de costumes, de



superstições e de cultos idolátricos.

O Sínodo de *Iliberis* (Elvira), ao romper do Século IV, ainda acusava o impacto destas realidades, recomendando: a austeridade de costumes (c. 27); a continência dos clérigos maiores (c. 33); o respeito nos cemitérios (c. 34 e 35); e punia com severidade: o adultério, a imoralidade, o homicídio, o infanticídio, o falso testemunho, a difamação, a feitiçaria, as superstições pagãs e a convivência com sacerdotes pagãos. Conclui-se daqui que o Cristianismo predominava já nas cidades, não tanto nos campos, e atraía cada vez mais a nobreza que praticava o culto dos ídolos. Nos campos, a ignorância era a grande aliada das resistências à mudança.

Na segunda parte do Século IV, chegou à Península um misticismo gnóstico que negava a Trindade, atribuía a Cristo apenas a aparência de corpo, condenava o matrimónio, negava também a criação do mundo, considerava a alma humana parcela da divindade, utilizava livros apócrifos, praticava a magia e acreditava no fatalismo dos astros. Era o *Priscilianismo*, movimento para iniciados, financiado por Prisciliano, que curiosamente, professavam a pobreza e a continência. Era na essência, um eclectismo religioso que, a partir do conhecimento supra racional do oculto, reservava para si uma certa superioridade relativamente à Igreja. O Sínodo de Saragoça (380) condenou-o.

Apesar de tudo, estas novas assinalam um sincretismo religioso, de certa convivência e capacidade de liderança cristãs, pressentindo a oficialização. Neste caso, ela estaria a ser pregada e assimilada como a religião oficial do Império – *Imperium Romanum Christianum* – o que convinha evidentemente, ao “*status quo*” do poder imperial.

Em finais do século V, porém, o Ocidente estava desmembrado por povos que não sabiam falar o Latim e, por isso, eram apelidados de *bárbaros*. Tinham a força do pé descalço e essa condição submeteu as instituições romanas, deu novo alento ao Priscilianismo, levou alguns padres e bispos à deserção e perturbou o culto e a liturgia.

Nestas disceptações, salientou-se Paulo Orósio, padre de Braga, que, desiludido com os Suevos, publicou *Commonitorium*, dirigido a S.to Agostinho, onde se sumariam os erros priscilianistas. A ele se juntou Idácio, galego de *Limica*, que terá sido bispo de *Aqua Flavia* (Chaves), com a publicação de *Cronicón*. A cultura romana exilou-se nos mosteiros, donde irradiaria mais tarde, noutras circunstâncias e noutras direcções.

Com os Romanos, as estruturas do Império serviram a Fé. Com os Bárbaros, foram as estruturas da Fé que serviram o Império. E assim, nesta cumplicidade onde o mundo só deu voltas e mais voltas, se viveu na Europa, durante toda a Idade Média.

A chegada a Calecut das naus lusitanas (1498), pela rota do Cabo, em nome da Fé e do Império, foi o acto criador que pôs um ponto final na Idade Média e inaugurou a História Moderna, um mundo novo, à escala planetária. O mundo mediterrâneo entrou neste mundo novo; a Terra continuou a mover-se como sempre; e os varões assinalados, mimando os africanos com o mesmo trato que Fenícios, Gregos e Cartagineses aqui fizeram outrora, trocando artefactos e bugigangas por metais preciosos.

Em 1519, Lutero foi condenado e, em 1521, excomungado.

Em 1543, foi publicado o *De Revolutionibus*, de Copérnico, e setenta e três anos depois, colocado no *Índice dos Livros Proibidos*, enquanto Galileu era intimado a não defender em público o sistema coperniciano.

Era o livro da Bíblia a vigiar os passos dos livros dos novéis saberes.

A revolução copernicana implodiu a arquitectura dos três andares: o céu - no sótão; o inferno - na cave; e a terra - no zero, desalojando os humanos, como se duma acção de despejo se tratasse ou, o equivalente a uma segunda expulsão do paraíso. Mas onde pára Deus, se o edifício já ruiu?

Para cúmulo da desesperança, o protestantismo aboliu o purgatório, o último reduto dos mortos, lançados agora no enfermiço do esquecimento.

A sensação do vazio facilitou o regresso da magia e da cosmografia do medo ou, dos espaços infinitos.

Quem se rendeu à imanência, pouco ou nada se importou com a porta ou o porteiro; o que estava antes ou depois; em cima ou em baixo; se o elevador existe; ou se o condomínio funciona. É que, se mais preocupação houvera, mais valera nem sequer ter nascido. Era a ordem natural das aparências que, num abrir e fechar de olhos, se esvaía em quimeras, como bolas de sabão.

O relógio da Geologia cuja unidade temporal é o M. A. (Milhões de Anos), comparado com a duração efémera da vida humana, traduz uma sensação desconfortável, de algo tão longínquo que mal se pode imaginar, agravada com a angústia do carácter irreversível do tempo passado. Porém, o grande milagre do espaço, deste espaço onde temos os pés, é colocar-nos aquele tempo tão perto que basta decifrá-lo, para o entender. É a estratigrafia que ajuda a descodificação deste milagre, revelando-se um método comum da Geologia e da Arqueologia.

Um dia, talvez há mais de três mil M. A. , a vida surgiu sobre a Terra. Desde então, nunca mais deixou de propagar-se e expandir-se, numa cadeia que, começando pelos organismos mais simples e mais antigos, se desenvolveu até chegar ao mais complexo e mais recente dos seres vivos que é o Homem.

É da Terra que o Homem vive, extraíndo as



substâncias de que necessita. A geologia nasceu assim, de maneira prática, com as necessidades dos primeiros homens, com a utilização da pedra, o fabrico de instrumentos, o arranjo de abrigos e a procura de recursos. Depois foram: o ouro, a prata, o cobre, o estanho, o chumbo, o ferro, etc. . Esta geologia rudimentar, de carácter pragmático, foi usada por quase todos os povos antigos. Como disciplina independente, só começou a impor-se a partir do século XIX.

Embora nova, mostrou a sua importância desde logo, do ponto de vista económico, mas não se impõe só no domínio do estritamente utilitário. Ela também procura responder às ansiedades humanas, com conhecimentos e com respostas a muitas interrogações sobre o universo. Neste aspecto, anda ligada a um ramo da Filosofia, chamado *Cosmologia Filosófica e Cosmologia Moderna*. As preocupações ecológicas também estão presentes, porquanto as reservas, muitas delas, não são renováveis. Outras poderão revelar-se insuficientes. A água é uma delas. À fome que grassa nalgumas partes do Globo pode juntar-se a sede. A pesquisa destes recursos também depende da Geologia, mas cabe à Ecologia apontar os caminhos de um desenvolvimento mais sustentado.

A construção de barragens, de pontes, de estradas, de caminhos de ferro, de túneis, de edifícios urbanos, carece dos conhecimentos e dos serviços da Geologia, porque modificadas as condições de equilíbrio, pela implantação de uma obra, as rochas reagem, os terrenos podem sofrer deformações e a estabilidade da construção pode ser posta em causa.

A cartografia geológica é preciosa, como instrumento de trabalho para engenheiros, arquitectos, economistas, agrónomos, silvicultores, sociólogos e hidrogeólogos. A qualidade da cartografia geológica de um país é tão importante, para o seu desenvolvimento, como o número de geólogos que possui, quer em relação à população, quer em relação à área abrangida.

Hoje, já não se pesquisa água com a varinha ou com um pêndulo, como se fazia na Idade Média. As estradas já não são feitas a olho, nem com as voltas que os cabritos davam nas costas dos interessados. As barragens já não se podem fazer por cima de grandes falhas como aconteceu com a do Carrapatelo, no rio Douro, cujos prejuízos na altura foram avaliados em mais de meio milhão de contos. Esta é uma amostra do que pode advir para o País se houver desleixo, oportunismo, ou se, nos lugares cimeiros de decisão, forem postas mentalidades abastardadas, pouco sérias, para quem não contam os bens da inteligência e que, aos interesses da comunidade, antepõem sempre os seus. São os “chicos-espertos”, arautos da desgraça e traficantes de influências, que os há um pouco por todo o lado.

Carlos Teixeira namorava uma jovem, professora primária, de Vieira do Minho, com quem pretendia casar, logo que terminasse o curso e fosse professor do liceu. As coisas começaram a compor-se segundo o plano, mas eis que surge o convite para a Universidade. Que fez Carlos Teixeira? Foi ter com a noiva e colocou-lhe o problema em termos disjuntivos: rejeitar o convite da Faculdade, casar, constituir família, dedicando-se totalmente a esta e ao ensino liceal; ou então, aceitar o convite da Faculdade e renunciar à constituição de família. Que fez a noiva? Os tempos hoje são outros, mas ela cobriu-se de brios e devolveu-lhe a responsabilidade da decisão, com inteira liberdade. Carlos Teixeira pediu-lhe um tempo para pensar, findo o qual, optou pela última, a favor da carreira universitária. Foi cada um para seu lado. A Senhora organizou a vida dela doutra maneira, casando com outro; e Carlos Teixeira seguiu o caminho da dedicação total à ciência. O casal e o Carlos Teixeira deram-se sempre bem, com respeito mútuo, mas era chegada a hora de este vincar o que, na sua perspectiva, era uma dívida total.

Esta questão não é ociosa, porque onde não falta que fazer, ficar-se pelas meias tintas, não abona, nem o trabalho, nem o trabalhador. Por outro lado, elevando o esforço feito no campo científico, ao patamar da exclusividade, era tê-lo na conta de um verdadeiro sacerdócio cujo conceito era incapaz de trair. Nele não havia estigma algum, nem tabus, nem nada que o pudesse desmoralizar. Era um homem íntegro, leal e dedicado. Nada do que é humano lhe era estranho. - “*Carlos Teixeira foi um homem com letra grande*”. Dito por uma mulher que o conheceu e corou quando o disse, é de registar, “*in memoriam*”.

Em Novembro de 1981, sete meses antes do seu falecimento, ao ditar o prefácio da *Geologia de Portugal* – estava já num estado adiantado de cegueira – escreveu:

“Este livro representa não só o contributo pessoal do geólogo que, ano após ano, se esforçou pelo avanço do conhecimento e renovação dos estudos da Geologia Portuguesa, mas também do Professor que, por todos os meios e por diversas formas, procurou exercer acção no sentido da dinamização e incremento desta ciência – à qual sacrificou a família, a saúde, as comodidades e lazeres – consagrando-lhe, sem hesitar, todos os momentos da vida, em dívida total, com entusiasmo e dedicação inexecutáveis, orientado pela consciência do papel que esta ciência desempenha no contexto da civilização moderna, no desenvolvimento económico e avanço do País, pelo aproveitamento integral das potencialidades nacionais.”



Dito assim, mais parece um testamento. De sublinhar:

- a alegria e a satisfação da descoberta;
- a consciência de ter feito algo de novo;
- a consciência de ter alargado as fronteiras da ciência;
- a supremacia da descoberta sobre os bens económicos;
- a totalidade dos meios e a diversidade das formas;
- a totalidade da vida;
- a dádiva total e a dedicação inexcedíveis.

Amparado pela Doutora Maria Helena Canilho, naturalista do Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico da Faculdade de Ciências, ainda fez duas comunicações à Academia de Ciências, as últimas.

Na véspera do dia em que faleceu, conversava com o mesmo entusiasmo e a mesma robusta confiança, no andamento do segundo volume. O plano compreendia três tomos, correspondentes às grandes divisões temáticas da Estratigrafia ou Geologia Histórica.

Em colaboração com outros geólogos e petrólogos, Carlos Teixeira foi responsável por vinte e seis folhas de Carta Geológica de Portugal, na escala de 1: 50.000, com a respectiva notícia explicativa.

O esquema é como se segue: identificação, autores, data e o esquema geral. Neste, aborda:

- Introdução;
- As referências bibliográficas;
- A Geomorfologia;
- A Geologia;
- A paleogeografia e a tectónica;
- Os recursos minerais;
- As águas minero-medicinais, quando existentes;
- A pré-história.

As folhas publicadas foram as seguintes, por ordem numérica:

- 1 A - Valença, 1956.
- 1 C - Caminha, 1961.
- 2 A - Porto, 1969.
- 2 D - Vilar de Perdizes, 1970.
- 5 A - Viana do Castelo, 1972.
- 5 C - Barcelos, 1969.
- 5 D - Braga, 1973.
- 6 B - Chaves, 1974.
- 9 A - Póvoa de Varzim, 1965.
- 10 C - Porto, 1957.
- 13 A - Peso da Régua, 1967.
- 13 C - Espinho, 1962.
- 14 A - Lamego, 1969.
- 14 D - Aguiar da Beira, 1972.
- 17 C - Santa Comba Dão, 1961.
- 17 D - Gouveia, 1967.
- 18 A - Vila Franca das Naves, 1962.

- 18 B - Almeida, 1959.
- 18 C - Guarda, 1963.
- 20 B - Covilhã, 1974.
- 21 A - Sabugal, 1965.
- 21 B - Quadrasais, 1960.
- 23 C - Leiria, 1968.
- 24 D - Castelo Branco, 1967.
- 28 B - Nisa, 1965.

Publicou ainda: *Cartografia Geológica de Goa – A Geologia de Goa – Considerações e Controvérsia*, Lisboa, 1960.

Em 1967, com a colaboração de geólogos estrangeiros, publicou: *Carte Geologique du Nord-Ouest de la Peninsule Iberique*, na escala de 1: 50.000.

Em 1968, publicou: *Carta Geológica de Portugal*, na escala de 1: 1.000.000.

Em 1971, é nomeado Director do Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

Em 1972 publicou, em colaboração com o Prof. Francisco Gonçalves, o *Mapa Geológico de Portugal*, a “menina dos olhos” de Carlos Teixeira. Na escala de 1: 500.000, esta carta revela a maturidade e o prestígio da Geologia em Portugal que muito honra a escola geológica de Lisboa. Como complemento deste mapa, 4.ª edição, 1972, publicou Carlos Teixeira a *Introdução à Geologia de Portugal*, editado pelo Instituto Nacional de Investigação Científica que se esgotou em menos de um ano. O manuscrito deste livro foi destruído pelo incêndio da Faculdade de Ciências, em 1978, e teve de ser totalmente refeito pelo autor, durante muitos meses de trabalho ininterrupto.

Em 1975, publicou *Mapa Geológico do Maciço Hespérico*.

Na Enciclopédia Luso Brasileira Verbo, de que foi um dos principais directores, publicou mais de 290 artigos, valorizando o vocabulário geológico português e enriquecendo a Língua Materna. Com a mesma finalidade, reuniu informação para a edição do *Vocabulário de Termos Geológicos* de que saíram sete opúsculos, até à letra H, tendo desaparecido um deles, do Centro de Estudos de Geologia Pura e Aplicada, antes da sua publicação, juntamente com fotocópias a cores respeitantes a aspectos da geologia portuguesa.

Colaborou com artigos científicos em numerosas revistas:

- Alto Minho, de Viana do Castelo.
- Anais da Escola Superior Colonial.
- Anais da Faculdade de Ciências do Porto.
- Anais da Junta das Missões Geográficas e de Investigação Coloniais.
- Arquivo Distrital de Aveiro.



- Boletim da Associação de Filosofia da Natureza.
- Boletim do Museu de Mineralogia e Geologia da Universidade de Lisboa.
- Boletim da Sociedade Broteriana.
- Boletim da Sociedade de Ciências Naturais de Lisboa.
- Boletim da Sociedade Geológica de Portugal.
- Boletim de la Société Géologique de France.
- Brotéria.
- Estudos Geográficos, de Madrid.
- Las Ciências, de Madrid.
- Memórias dos Serviços Geológicos de Portugal.
- Petrus Nonius.
- Portucale.
- Portugaliae Acta Biologica.
- Revista de Guimarães.
- Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.

Escreveu em mais de uma dezena de jornais: República; O Primeiro de Janeiro; O Debate; Jornal Novo; Diário do Minho; Diário de Notícias; Diário de Lisboa; O Dia; O Século.

A título exemplificativo, foram publicados:

NO Comércio do Porto, dois artigos:

- 13 de Agosto de 1957, *As Ciências Geológicas em Portugal e As Ciências Geológicas em Portugal do Século XX.*
- 30 de Dezembro de 1974: *Salve-se o Museu de História Natural.*

No Jornal do Comércio, quatro artigos:

- 28 de Janeiro de 1975, *A Anunciada Campanha de Prospecção Mineira.*
- 10 de Fevereiro de 1975, *Salve-se o Museu de História Natural.*
- 7 de Março de 1975, *A Cartografia Geológica Portuguesa.*
- Julho de 1975, *A Celebração do I Centenário dos Serviços Geológicos de Portugal em 1975.*

No Expresso, quatro artigos:

- 29 de Outubro de 1977, *A propósito do Instituto Geológico Nacional.*
- 4 de Novembro de 1978, *Ainda o Incêndio da Faculdade.*
- 23 de Janeiro de 1979, *Para quando o Instituto Geológico Nacional?*
- 14 de Julho de 1979, *A Geologia e a Integração de Portugal na Europa.*

No Correio do Sul, quatro artigos:

- 17 de Maio de 1979, *A Câmara de Portimão e a Protecção do Património Cultural do Concelho – A Pedra Moirinha.*
- 6 de Junho de 1980, *Reconhecimento Geológico do Algarve.*
- 19 de Junho de 1980, *Reconhecimento Geológico do Algarve.*
- 30 de Junho de 1981, *Mais uma vez o malfadado caso da Pedra Moirinha.*

NA Capital, cinco artigos:

- 8 de Setembro de 1979, *Hoje, Água Demais. Ontem, Água de Menos.*
- 25 de Março de 1980, *As Geociências no Ensino Secundário.*
- 16 de Junho de 1980, *Ainda as Geociências no Ensino Secundário.*
- 8 de Julho de 1981, *A Degradação da Língua Portuguesa – A Linguagem Científica.*
- 23 de Julho de 1981, *O Ensino da Geologia nas Escolas Secundárias.*

No Diário Popular, nove artigos:

- 14 de Novembro de 1946, *Serviços Geológicos.*
- 30 de Maio de 1947, *Geologia Pura, Geologia Aplicada.*
- 28 de Outubro de 1947, *A Geologia e os Trabalhos Públicos.*
- 5 de Fevereiro de 1948, *Duas Conferências Oportunas.*
- 14 de Abril de 1971, *Protecção e Desprotecção da Natureza.*
- 26 de Abril de 1971, *O Parque Nacional da Peneda Gerez.*
- 7 de Agosto de 1971, *Consumatum est...*
- 18 de Fevereiro de 1974, *Tradição que se quebra – a desportugalização dos Serviços Geológicos de Portugal.*
- 21 de Fevereiro de 1976, *A Reforma dos Serviços Geológicos de Portugal.*

Ao promover o estudo da serra do Marão, a equipa de Carlos Teixeira encontrou o que há de mais antigo em território português, proveniente dos grauvaques hispanianos, subjacentes ao conglomerado de base do ordovícico – a *Linguella major Teixeirae Ribeiri e Silvae*. É de fósseis que se trata. Neste caso de braquiópodes. A comunidade científica, quando descobre fósseis muito raros, procura baptizá-los com a ajuda do nome dos seus descobridores e a língua latina, para garantir a perpetuidade da denominação



que as línguas mortas proporcionam. Foi este o caso, mas exemplos destes há muitos, o que prova a fecundidade do trabalho de campo do nosso cientista:

- *Neuropteris Machadicostae Teixeirae* – fóssil do Westefaniano.
- *Phylobatta Rosasi Teixeirae* – fóssil de insecto do Estefaniano Dúrio-Beirão.
- *Neuropteris Ovat Hoff forma Ervedonensis Teixeirae*.
- *Linopteris Florini Teixeirae* – fóssil do Westefaniano de Ervedosa.
- *Stephanomilachris Duriensis Teixeirae* – fóssil de asa de insecto, de Valdeão.
- *Eneriblatta insignis Teixeirae* – insecto do Estefaniano Dúrio-Beirão, como os seguintes:
- *Phylobatta Portuensis Teixeirae*.
- *Lusitanomilachris Prouvosti Teixeirae*.
- *Stefanomilachris Zwyzewsky Teixeirae*.
- *Crossotheca Mendes-Correa Teixeirae*.
- *Pecopteris Vianae Teixeirae*.
- *Eneriblatta Valonguensi Teixeirae*.

Alguns especialistas estrangeiros nomeadamente, Novojilov, Bourau, Vallin, Rey, etc. , dedicaram a Carlos Teixeira diversas espécies novas para a Ciência.

Os maiores contratempos sofridos por Carlos Teixeira foram: o desaparecimento de documentação científica valiosa do centro de Estudos de Geologia Pura e Aplicada; a extinção do Centro de Estudos de Geologia Pura e Aplicada; o incêndio do edifício da Faculdade de Ciências que devorou livros, monografias, revistas, documentos, separatas, fotocópias, apontamentos, textos preparados para publicação, diversos fósseis, alguns deles de grande valor científico, numerosa correspondência trocada entre cientistas nacionais e estrangeiros, etc.; e finalmente, a doença que lhe causou a retinopatia diabética por que cegou e o impediu de trabalhar.

O nosso aniversariante preocupava-se muito com os seus alunos, as dificuldades que sentiam, de toda a espécie, durante o curso e para além do termo das suas licenciaturas, com os seus empregos e os seus trabalhos. Patrocinou numerosos doutoramentos e integrou várias instituições nacionais e estrangeiras, entre elas:

- Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia de Ciências Naturais;
- Broteriana;
- Grupo Português de História das Ciências;
- Societé Géologique de France;
- Real Sociedad Espanola de Historia Natural;
- Liga para a Protecção da Natureza.

Esteve presente em numerosos congressos, com comunicações:

- Da Associação Espanhola para o Progresso das Ciências, Saragoça, 1940.
- Pré e Proto-História das Séries dos Congressos do Mundo Português, Porto, 1940.
- 1.º Congresso Nacional de Ciências de População, Porto, 1940.
- 1.º Congresso Nacional de Ciências Naturais, Lisboa, 1941.
- III.ª Reunião de Estudos Geográficos, Santiago de Compostela, 1941.
- Da Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, Porto, 1942.
- Da Associação Espanhola para o progresso das Ciências, Córdova, 1944.
- Da Associação Espanhola para o Progresso das Ciências, S. Sebastian, 1947.
- Da Associação Espanhola para o Progresso das Ciências, Madrid, 1959.

Nalguns, além de estar presente e de apresentar comunicações, também representou Portugal:

- Congresso Internacional de Praga, 1968;
- Congresso Internacional de Copenhague, 1969.
- 23.º Congresso Brasileiro de Paleontologia, Rio de Janeiro.

Em 29 de Novembro de 1967, coube-lhe fazer a *Oração de Sapiência*, na abertura solene do ano lectivo 1967-1968, da Universidade Clássica de Lisboa. Estava lá a mais fina flor da sociedade: o Presidente da República, Américo de Deus Rodrigues Tomás; o Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira; o Ministro da Educação; toda a comunidade universitária; e muitos convidados. Abordou o tema: *Panorama da Geologia no âmbito do Ensino e da Investigação Científica*. As críticas com que então mimou o sistema educativo foram ao ponto de, no dia seguinte, não aparecer nem uma linha na imprensa diária.

Como cientista que era, nunca vendeu a alma a ninguém e o respeito que nutria pelo Prof. Marcelo Caetano, não se ficou a dever tanto ao facto de ser colega na docência, quanto ao de se ter demitido de Reitor, depois da polícia ter entrado e ocupado abusivamente a Universidade de Lisboa.

António Ribeiro, então estudante e hoje, eminente geólogo da escola de Carlos Teixeira, filho do memorável Prof. Orlando Ribeiro, publicou um livro sobre figuras ilustres da Faculdade de Ciências da Universidade Clássica de Lisboa, a propósito do nonagésimo aniversário desta instituição, onde se recorda do Prof. Carlos Teixeira, em plena crise”



académica de 1962, lhe ter dito: “Sei que você anda a dormir algumas vezes fora de casa, a minha porta está sempre aberta...”

Era assim com os alunos: amigo dedicado e solidário. Aos jovens universitários, apelava, em 1967:

- “... procedei com dignidade, seriedade, independência, tolerância, generosidade, confiança, serenidade”.

(...) cultivai um optimismo saudável, aberto, nobre, um entusiasmo irradiante, coadjuvado por forte tenacidade e vontade férrea de vencer, mas sem atropelos, sem precisar de muletas ou de processos menos dignos”.

“ E ficai certos de que não há dinheiro no mundo que pague a alegria, a satisfação de descobrir qualquer coisa de novo, de contribuir para alargar as fronteiras da Ciência”.

TEIXEIRA, Carlos – *Panorama da Geologia no Âmbito do Ensino e da Investigação Científica*, Lisboa, 1967, pp. 27-29.

Não há dúvida de que o Professor Carlos Teixeira teve muitas alegrias, mas nunca parou para gozar os corredores da fama. Teve imenso poder a que corresponde geralmente, o domínio de objectos, de rituais e de representação, mas a ingenuidade de “fazer bem sem olhar a quem” devolve, não raras vezes, os seus custos com juros inflados. No fim da vida, já quase cego, nem todos os discípulos lhe aturaram o azedume e alguns, cuja promoção científica se lhe deveu, afastaram-se ou levantaram-se mesmo contra ele, reconhecendo-lhe contudo, o mérito científico.

Em contrapartida, há muitos que o recordam com saudade e se têm mobilizado sempre que há um “passa palavra” à sua memória e ao trabalho que desenvolveu. São os “andarilhos” da Geologia, da escola de Carlos Teixeira. Para todos, o bem haja!

Talhado em dura e fina ruralidade, a Geologia foi a voz da terra na consciência do Professor. Nas aras desta consciência, tudo ficou sacrificado: família, saúde, comodidade e lazeres. Contudo, não foi em vão.

Nele, não havia assento para a soberba, nem os ódios nele recebiam cultura. Estes pergaminhos, estamos certo, recebeu-os da família.

Na privacidade, rezava o terço. A propósito da evolução animal, refere Deus e, em rodapé, cita a encíclica *Humani Generis*, do Papa Pio XII.

Com ele, as Ciências progrediram e o nosso património cultural enriqueceu.

Divulgá-lo, é imperativo. Fazê-lo assim, no primeiro centenário do seu nascimento, é um prazer inesquecível.

Sabia que, em 1910,

-11 de Abril, nasceu António de Spínola?

-31 de Maio, foi fundada a União da África do Sul?

-11 de Junho, nasceu Jacques-Yves Cousteau, pioneiro da exploração oceânica e realizador francês?

-20 de Julho, a Cristian Endeavor Society do Missouri realizou uma campanha para proibir os filmes com beijos entre pessoas sem laços de parentesco?

-27 de Agosto, nasceu Madre Teresa (Agnes Gonxha Bojaxhiu), na Albânia, que foi missionária em Calcutá, Índia, e ganhou o Prémio Nobel da Paz em 1971?

-3 de Outubro, Miguel Bombarda, eminente médico psiquiatra português e militante republicano foi assassinado no seu gabinete do Hospital de Rilhafoles por um doente esquizofrénico?

-5 de Outubro, foi proclamada a implantação da república em Portugal, pelas 10 horas da manhã, nos Paços do Concelho de Lisboa?

-14 de Outubro, D. Manuel II, o rei deposto no 5 de Outubro, e a família real chegaram a Inglaterra?

-3 de Novembro, a Lei do Divórcio foi promulgada em Portugal, pelo governo republicano?

-1 de Dezembro, foi inaugurada em Portugal a bandeira nacional republicana, segundo o modelo de Columbano Bordalo Pinheiro?

-14 de Dezembro, nasceu Beatriz Costa, atriz portuguesa, da *Aldeia da Roupa Branca*?

Muitos são injustamente esquecidos; ninguém é injustamente lembrado.

- No dia **23 de Setembro de 1910**, nasceu em Aboim, Fafe, o **Prof. Doutor Carlos Teixeira**.

- No dia **23 de Setembro do ano 63 A. C.** nasceu **Octávio César Augusto** a quem Braga deve o título de “*Augusta*”.

Arlindo Vaz Marques
Professor reformado da Escola EB 2,3 Prof.
Carlos Teixeira